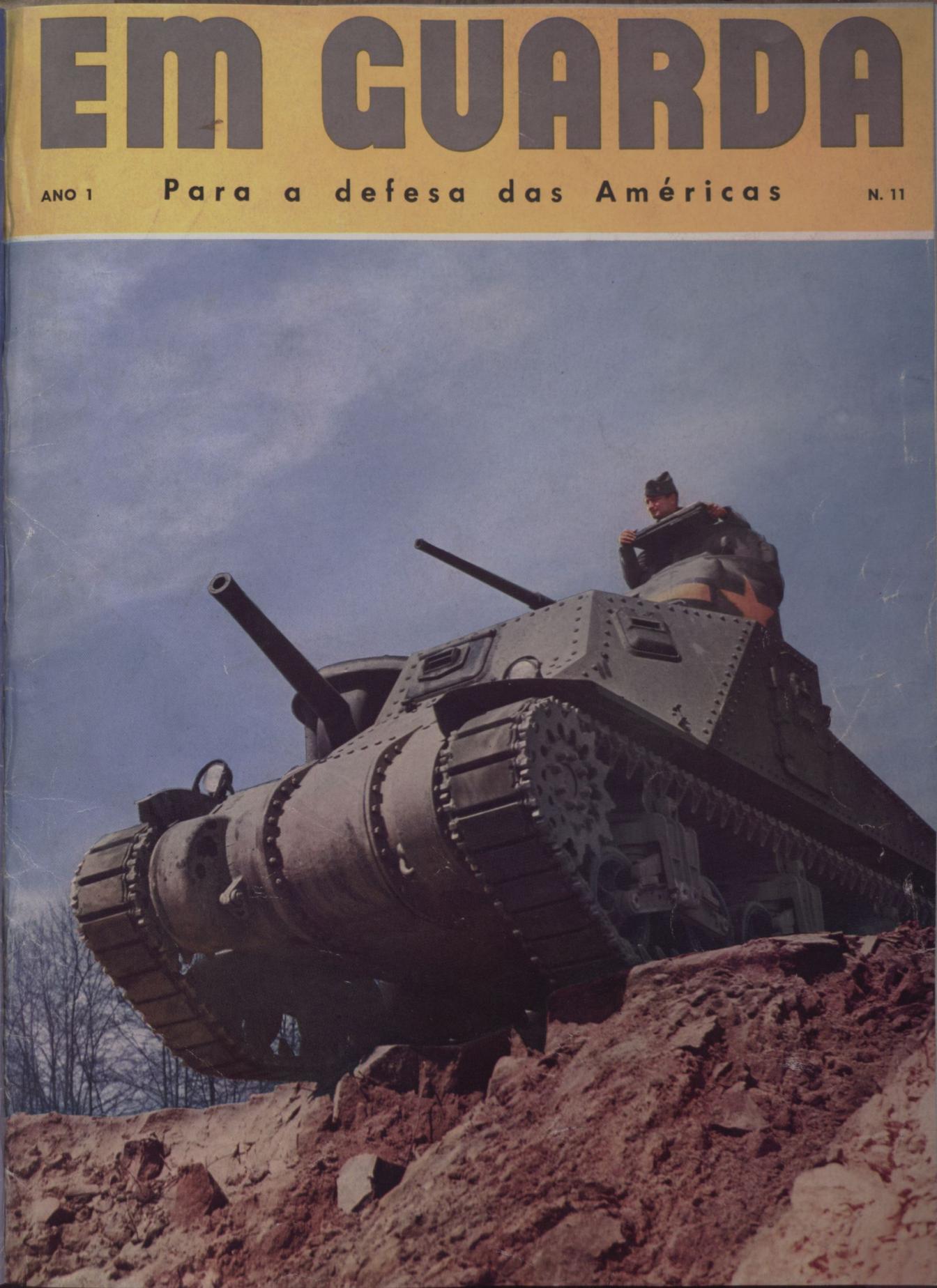


EM GUARDA

ANO 1

Para a defesa das Américas

N. 11



O Caminho da VITÓRIA

DESPEITO da grande antecedência com que as potências do Eixo iniciaram a sua preparação bélica; a mobilização dos recursos materiais e humanos das Nações Unidas está se evidenciando com tal superioridade e rapidez, que não mais poderá ser ultrapassada. Esta foi a revelação feita pelo Presidente Roosevelt e Primeiro-Ministro Churchill, por ocasião do seu terceiro encontro em Washington, para tratar da política de guerra.

Pelos dois grandes líderes da luta universal pela Liberdade foram, nêsse sentido, dadas à publicidade declarações de alta significação:

"Realizamos as nossas conferências com pleno conhecimento do poder e dos recursos de nossos inimigos. Mas quanto a matéria de produção de toda espécie, os resultados do conjunto apresentam-se com aspecto otimista." E ainda:

"As Nações Unidas não poderiam estar mais acordos do que estão, quanto a detalhes dos planos para ganhar a guerra. Não lhes páira a menor dúvida a respeito de ser agora o aspecto geral mais favorável à vitória, do que o foi em Agosto ou em Dezembro do ano findo."

Estas declarações foram feitas quando os povos das 28 Nações Unidas enfrentavam um período excepcionalmente crítico da guerra. Os exércitos do Eixo levavam a efeito esforços desesperados para alcançar o canal de Suez, através do deserto do Egito; Hitler lançava loucamente a vida de seus soldados na carnificina da guerra, num esforço para chegar às fontes de petróleo do Cáucaso; e o terror da guerra submarina sem restrições se alastrava contra beligerantes e neutros.

Tanto o Presidente como o Primeiro-Ministro tomaram na devida consideração as vantagens e desvantagens da situação; ambos mostraram-se perfeitamente senhores da enormidade da tarefa a enfrentar.

Por conseguinte, em que se baseia a asserção de ser agora o aspecto geral mais favorável à vitória, do que o era há um ano, ou mesmo em Dezembro findo, pouco após a entrada dos Estados Unidos no conflito?

Trata-se de um conjunto de fatores que surpreendem. São as caudais de armamentos e recursos capazes de garantir a vitória; é a unidade de propósito de três quartas partes da população do globo, inspiradas pela inconcussa justiça de sua causa; é essa inabalável determinação de colocar a Liberdade bem acima da brutalidade bestial dos agressores.

A grande mobilização das forças combatentes das Nações Unidas revela em si um modelo de vitória que, mesmo agora, pode ser comprovado como se fôra a solução de um problema matemático.

Os agressores têm estado embriagados com os seus primeiros sucessos — sucessos que eram inevitáveis, tratando-se de nações que se tornaram potências militares através do definhamento da resistência e bem-estar de seus povos, durante anos de intensa preparação bélica; nações que, pela traição, pela insídia e toda sorte de torpezas arremessaram-se contra outras quando estas ainda se esforçavam, confiantes, pela manutenção da paz. A triade do Eixo enfrenta, entretanto, neste momento, a dura verificação de haver perdido qualquer possibilidade de uma vitória rápida; porque a força

em que se apoiarão as Nações Unidas não somente assume proporções de igualdade com relação à dos agressores, como está se tornando de uma superioridade que não encontrará competição. Cada dia que prolonga a guerra representa uma esperança a menos para o Eixo.

"O objetivo em vista é a mais breve concentração máxima do poder ofensivo aliado contra o inimigo." Estas foram palavras do Presidente Roosevelt e do Primeiro-Ministro Churchill, durante a sua recente conferência em Washington. E' a antecipação da avalanche que se fará sentir envolvendo irremediavelmente o inimigo.

A "incapacidade dos povos democráticos" foi o refrém com que se deixaram embalar os agressores do Eixo, quando subestimavam a força de vontade e a habilidade reinante nas democracias. Ao escrever-se futuramente a história dêstes anos terríveis de guerra, há-de ficar constatado o fato de ter-se verificado a derrota do Eixo quando os seus chefes ridicularizaram aquelas qualidades democráticas; quando se deixaram êles hipnotizar pela idéia de que os Estados Unidos jamais seriam capazes de interromper os seus pacíficos afazeres e transformarem-se no Arsenal da Democracia, a tempo de salvar a situação.

E' bem verdade que as democracias sempre têm sido retardatárias quando se trata de guerra. Mas para compensar-lhes êsse possível inconveniente, dispõem elas daquilo que é tão grandioso como as suas máquinas de progresso e tão empolgante como as irradiações do seu pensamento — êsse ardor e denodo para defender aquilo que Deus lhes deu e que é a expressão sagrada do seu Direito. E' o mesmo ardor que irmanou a duradoura solidariedade das Repúblicas Americanas, alinhando-as em sólido bloco contra qualquer gesto de hostilidade a êste hemisfério. Todos vimos êsses ideais transladados em ação pronta e incisiva; vimos êsse ardor em suas mais lídimas manifestações, no memorável conclave de chanceleres americanos do Rio de Janeiro.

Para os povos das Américas foi motivo de verdadeiro assombro o traiçoeiro ataque japonês a Pearl Harbor, em Dezembro de 1941. Os japoneses, animados pelas miragens diabólicas de Hitler, regosijavam-se em sua infâmia, acreditando que a vitória seria pronta e certa. E foi assim que suas hordas espalharam-se pela área meridional do Pacífico.

Mas, à proporção que avançavam, mais penosa se lhes mostrava a empreitada, ainda mesmo considerando que aqueles que defendiam a liberdade, batiam-se apenas para retardar a ação, até que pudessem os arsenais da América fazer sentir o efeito da sua contribuição. Cento e cinquenta mil homens das hordas nipônicas foram apenas uma humilhação para as próprias armas do império, quando se viram incapacitados, durante cinco meses, nas Filipinas, de quebrar a resistência de um pequeno exército isolado. Depois disso, foram ainda os japoneses frustrados vergonhosamente em seus planos de invasão da Austrália, êsse vasto reduto aliado e base do general Douglas MacArthur para a contra-ofensiva das Nações Unidas. Os denodados exércitos da China continuam a sustentar heroicamente uma resistência de cinco anos, forçando o Japão a um impasse

que lhe têm custado o extermínio de grande parte de suas melhores tropas e a destruição de material bélico sem conta. E com isto, vê-se ainda o agressor impossibilitado de firmar pé nas províncias marítimas chinesas do este, passo essencial para abrir-lhe uma via terrestre de comunicação com Singapura, a-fim de fugir ao constante assédio dos submarinos aliados que operam nas costas de territórios ocupados pelo inimigo.

E o Japão está condenado a prosseguir, como um corpo no espaço projetando-se ao péso da sua própria inércia. Certo, em sua trajetória está se verificando a destruição de tudo que se lhe embate. Mas tudo isto é apenas parte inevitável do fenômeno da sua própria queda. E esta terá, fatalmente, um termo. Porque também haverá outras forças que contribuirão para isso. A China, e mais além a Índia, a Sibéria e Austrália são obstáculos que não podem mais enquadrar-se em expectativas japonesas de conquista. São tôdas zonas futuras de batalha, onde se dissiparão todos os planos para a Ásia, da "nova ordem" de Tóquio.

No Oceano Pacífico, a esperança nipônica de uma vitória imediata reduziu-se a tremendo desapontamento, e breve não mais terá razão de ser, porque a capacidade norte-americana de construção naval de guerra não se pode nem comparar com as possibilidades do Japão.

Os fatos atestam como foram desastrosas para os japoneses as vitórias das forças dos Estados Unidos nas batalhas do Mar de Coral e de Midway:

No Mar de Coral — Perderam êles 15 navios de guerra, inclusive o novo porta-aviões "Ryukaku", ficando com, pelo menos, nove navios avariados, contra as perdas dos Estados Unidos constantes do porta-aviões "Lexington", construído há quinze anos, do destroyer "Sims" e de um navio-tanque.

Em Midway — Afundados, tiveram êles dois porta-aviões grandes e um médio, além de outro provavelmente posto a pique, além de três vasos de guerra, e de onze a trêse outras unidades, também de guerra, avariadas; tudo num total de 18 a 20 navios afunda-



O general Dwight D. Eisenhower, comandante das forças dos Estados Unidos no novo teatro de operações na Europa, é um militar aguerrido, da escola do general Douglas MacArthur

dos ou avariados, contra a perda de um destroyer e avarias ao porta-aviões "Yorktown" da marinha dos Estados Unidos.

Estas derrotas causaram manifestações de impotente indignação nipônica quando, para salvar as aparências, fizeram o desembarque de tropas em ilhotas rochosas do extremo do arquipélago das Aleucias, ao largo da costa do Alaska, e mandaram um submarino dar tiros a êsimo num trecho remoto de praia ao longo da costa do Estado de Oregon e na ilha de Vancouver, que lhe fica próxima. A balança do poder aéronaval no Pacífico, na qual o

porta-aviões representa importante elemento, pendeu desfavoravelmente para o Japão, em consequência das vitórias dos Estados Unidos em Midway e no Mar de Coral. Dos onze porta-aviões que os japoneses pudessem ter em serviço, no início das hostilidades, os seis maiores e mais novos já foram postos a pique ou seriamente avariados. Dessarte, a superioridade do Japão quanto à mais poderosa categoria de unidades de uma moderna esquadra não mais existe.

Os embaraços do império do Sol Nascente têm tido similaridade quanto aos seus aliados na Europa. A Itália encontra-se nos francos estertores que bem trõem os sintomas de convulsão intestinal e de incapacidade de prosseguir em guerra. Seu pacífico povo mostra-se desiludido e cansado de sofrer.

Hitler, por sua vez, perdeu a melhor ocasião de aniquilar e invadir as Ilhas Britânicas em Maio de 1941, quando se verificou o colapso do seu "blitzkrieg" aéreo. Certo de que, em seu louco egoísmo, poderia êle reduzir a Rússia à impotência em dois ou três meses, foi contra tôdas as regras de boa estratégia militar, quando se arriscou a manter a guerra em duas frentes; e isto em contradição com as suas repetidas garantias ao seu próprio povo e aos seus generais, de que jamais faria semelhante coisa.

Ao fim do primeiro ano de tremenda luta, os russos, numa demonstração épica de valor e heroísmo, continuavam a dar provas da sua disposição de responder à agressão ôlho por ôlho, dente por dente. E Hitler e suas cohortes ainda se encontram a braços

dos ou avariados, contra a perda de um destroyer e avarias ao porta-aviões "Yorktown" da marinha dos Estados Unidos.

Estas derrotas causaram manifestações de impotente indignação nipônica quando, para salvar as aparências, fizeram o desembarque de tropas em ilhotas rochosas do extremo do arquipélago das Aleucias, ao largo da costa do Alaska, e mandaram um submarino dar tiros a êsimo num trecho remoto de praia ao longo da costa do Estado de Oregon e na ilha de Vancouver, que lhe fica próxima. A balança do poder aéronaval no Pacífico, na qual o

porta-aviões representa importante elemento, pendeu desfavoravelmente para o Japão, em consequência das vitórias dos Estados Unidos em Midway e no Mar de Coral. Dos onze porta-aviões que os japoneses pudessem ter em serviço, no início das hostilidades, os seis maiores e mais novos já foram postos a pique ou seriamente avariados. Dessarte, a superioridade do Japão quanto à mais poderosa categoria de unidades de uma moderna esquadra não mais existe.

Os embaraços do império do Sol Nascente têm tido similaridade quanto aos seus aliados na Europa. A Itália encontra-se nos francos estertores que bem trõem os sintomas de convulsão intestinal e de incapacidade de prosseguir em guerra. Seu pacífico povo mostra-se desiludido e cansado de sofrer.

Hitler, por sua vez, perdeu a melhor ocasião de aniquilar e invadir as Ilhas Britânicas em Maio de 1941, quando se verificou o colapso do seu "blitzkrieg" aéreo. Certo de que, em seu louco egoísmo, poderia êle reduzir a Rússia à impotência em dois ou três meses, foi contra tôdas as regras de boa estratégia militar, quando se arriscou a manter a guerra em duas frentes; e isto em contradição com as suas repetidas garantias ao seu próprio povo e aos seus generais, de que jamais faria semelhante coisa.

Ao fim do primeiro ano de tremenda luta, os russos, numa demonstração épica de valor e heroísmo, continuavam a dar provas da sua disposição de responder à agressão ôlho por ôlho, dente por dente. E Hitler e suas cohortes ainda se encontram a braços



Dois pilotos-aviadores, W. H. Baldwin, do Canadá, e R. J. Campbell, dos Estados Unidos, palestram, saboreando um chá, em Londres, depois de participarem de um raide



Acompanhados de tropas de assalto, cujos movimentos são ocultos pela cortina de fumo, tanques das forças mecanizadas americanas exercitam-se em manobras de batalha



O Primeiro-Ministro Winston Churchill, da Gran-Bretanha (de chapéu Panamá) assiste a exercícios de paraquedistas durante sua recente visita aos Estados Unidos, e que se assinalou por importantes conferências com o Presidente Roosevelt. Sobre seu ombro vê-se a antena de um aparelho de rádio, pelo qual o Primeiro Ministro da Gran-Bretanha acompanha as ordens transmitidas do comandante da esquadilha dos aviões atacantes, no combate aéreo simulado



Um transporte japonês completamente dominado pelas chamas, em Kisha Harbor, nas Ilhas Aleucias, depois de ser atingido por bombas de aviões norte-americanos. O comandante das forças dos Estados Unidos, no local, até 4 de Julho, havia comunicado a perda de cinco navios japoneses, de guerra e transportes, afundados e nove avariados



Uma das grandes fábricas norte-americanas de bombardeiros, em trabalho contínuo de 24 horas diárias, e que está sendo o maior pesadão dos ditadores do Eixo. Em Maio, a produção foi de quase 4.000 aviões, mais do que a de qualquer outro país nesse mês. Aos poucos realiza-se o objetivo de 50.000 aviões de todos os tipos por ano

com a tentativa desesperada de chegar ao seu objetivo — o petróleo do Cáucaso um repouso em Leníngrado ou Moscou — estraçalhando-se em campos de batalha regados pelo sangue de talvez quatro milhões de alemães.

A verdade — e Hitler bem o sabe — é que cada dia que se passa e o mantém preso às pontas do dilema russo, sejam quais forem os intuítos nazistas, mais e mais se fortalecem as Nações Unidas. Na África, na Turquia ou seja onde for que se façam sentir as suas ameaças, Hitler bem sabe que o aguarda a contingência de, em futuro próximo, passar da guerra ofensiva para a defensiva.

Nas costas traiçoeiras ao longo da França, Bélgica, Holanda, Noruega e Finlândia, permanece para ele o perigo da possibilidade, senão da própria realidade de uma segunda frente de mais de duas mil milhas de extensão. Tudo demonstra que, receiando o ataque a todo momento, entregam-se os nazistas, febrilmente, à preparação dessa gigantesca defesa litorâ-

nea. Esta é uma defesa que se edifica no seio de populações hostis, e a grande vulnerabilidade da costa exige reservas e abastecimentos que poderiam estar melhormente empregadas na frente russa.

Segundo as declarações do Presidente Roosevelt e do Primeiro-Ministro Churchill, para as Nações Unidas, "o aspecto geral lhes é mais favorável à vitória agora, do que o foi antes". Vejamos, portanto, de que maneira estão os aliados enfrentando a situação.

Pouco vale comentar a respeito do potencial humano das Nações Unidas, por isso que a sua superioridade é simplesmente assombrosa. Hitler, por exemplo, tem atualmente 12 milhões de homens em armas — total que constitui o seu limite absoluto, mesmo depois de haver reduzido ao mínimo o efetivo de muitas de suas unidades, forçado pela necessidade de manter a ordem e disciplina na própria Alemanha e nos países ocupados. Como será possível, pois, comparar-se esse total com a quase inexaurível fonte à disposição dos aliados, e que se compõe da popula-

ção de 130.000.000 de habitantes dos Estados Unidos, de 190.000.000 da Rússia, 46.000.000 da Grã-Bretanha e muitos milhões mais da Austrália, China e demais Nações Unidas?

Agora, quanto ao Arsenal da Democracia.

"Em regra, declarou o Presidente, a 25 de Junho, não damos à publicidade cifras referentes à produção porque podem beneficiar o inimigo. Mas hoje vou revelar algumas cujo efeito, para o Eixo, será exatamente o oposto. Estamos avançando rapidamente na consecução da quantidade de produção que satisfará o nosso propósito. Em Maio, produzimos cerca de 4.000 aviões e mais de 1.500 tanques. Produzimos também quase 2.000 peças de artilharia e canhões anti-tanques. Tudo isto, sem contar os canhões anti-aéreos e canhões para serem instalados em tanques.

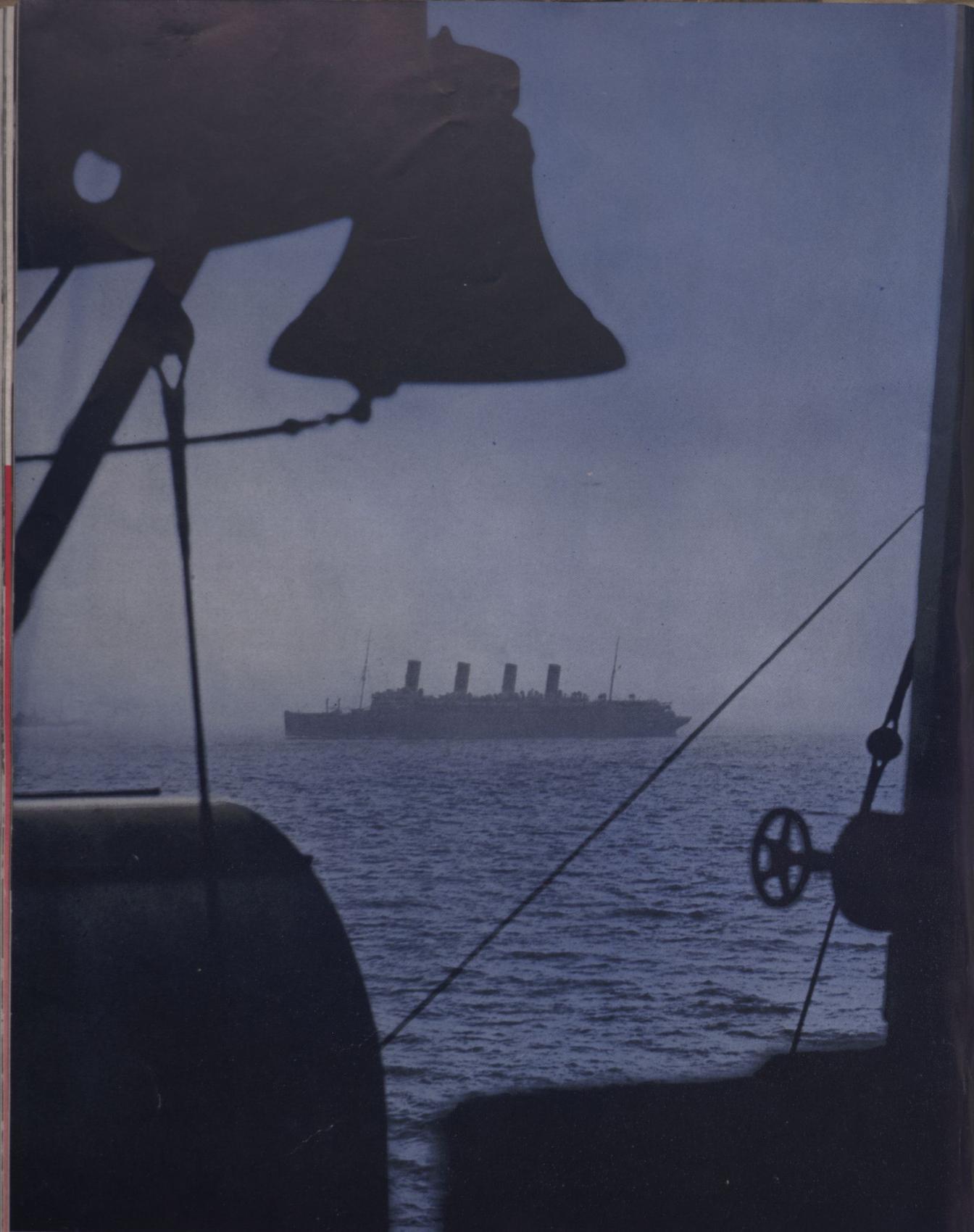
Esta exposição é apenas parte do todo, por isso que o Presidente Roosevelt disse que "precisamos de mais e mais e haveremos de produzir muito mais".



O novo "Avenger", o famoso avião-torpedeiro que se revelou de extraordinário potencial ofensivo na batalha de Midway. Devido a carregarem seus torpedos dentro da estrutura do aparelho, os japoneses julgaram tratar-se apenas de aviões de combate, só verificando a terrível realidade quando os formidáveis torpedos começaram a fazer sentir seus mortíferos resultados

Colônia — centro de atividades bélicas alemãs, sente os efeitos de um raide aéreo britânico. O ataque levado a efeito a 30 de Maio último durou apenas noventa minutos, mas durante esse tempo, milhares de bombardeiros transformaram a cidade em verdadeiro inferno, tendo sido destruídas vias-férreas, depósitos e fábricas. Só depois de uma semana dissipou-se a densa fumaça, deixando ver a extensão dos estragos causados nesse importantíssimo centro industrial pelo formidável raide da R.A.F.





Um magnífico navio mercante, agora convertido em transporte para o exército, faz-se ao mar com um importante carregamento de tropas destinadas a uma das frentes da guerra. Tais conversões tem permitido a expedição rápida de forças expedicionárias. O sino que se observa acima é de um dos navios de guerra que compunham a escolta

O PROBLEMA MARÍTIMO

NUNCA na história das nações, contribuiu a marinha mercante de maneira tão decisiva na guerra, como nesta luta pela liberdade. Nunca como agora dependeu a vitória, desse elemento tão essencial — navios mercantes.

Navios para transportar tropas, material bélico e abastecimentos são agora fatores estratégicos de tanta relevância quanto os elementos de carácter militar para vencer batalhas em terra, no mar ou no ar.

Para as nações aliadas, o total disponível de tonelagem mercante apresenta-se como um problema de primeira grandeza. E' indeclinável a necessidade de, mesmo através de rotas perigosas, suprir a tempo e a hora as forças dos Estados Unidos e seus aliados que pelo mundo afóra mantêm ativa a luta. Outras nações, em posição estratégica, também urge serem abastecidas, de conformidade com os princípios dos acórdos de empréstimos e arrendamentos.

Qualquer decisão de natureza militar tem de, forçosamente, e antes de tudo, tomar em linha de conta o transporte marítimo; porque sem navios, falha a condição primária de proporcionar aos combatentes as armas e demais recursos que lhe são indispensáveis. A necessidade de navios torna-se, por conseguinte, constante.

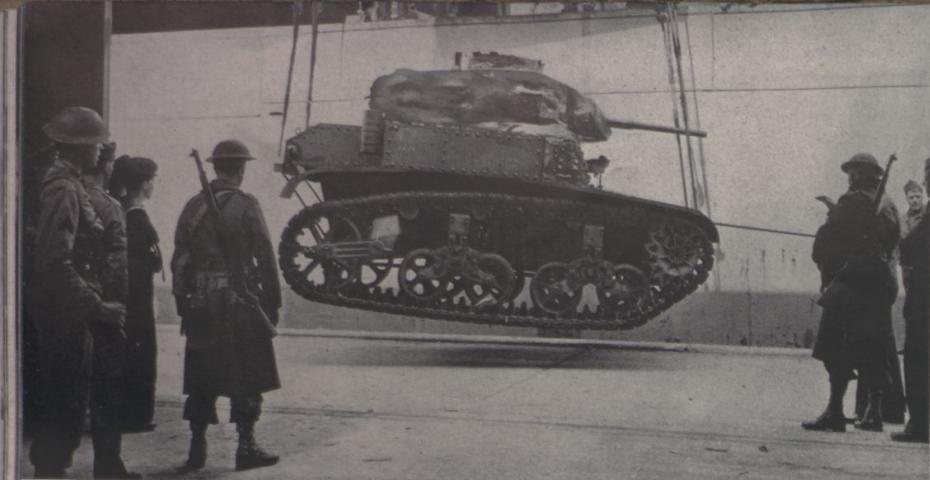
A presente conflagração está a apontar, na aferição dos recursos de defesa de uma nação, o valor que representa a sua marinha mercante. Por isso, a frota mercante das nações americanas, dotada de pessoal de comprovada experiência e inexcedível coragem, está se destacando neste inabalável propósito de manter o tráfego das rotas marítimas. Já são geralmente



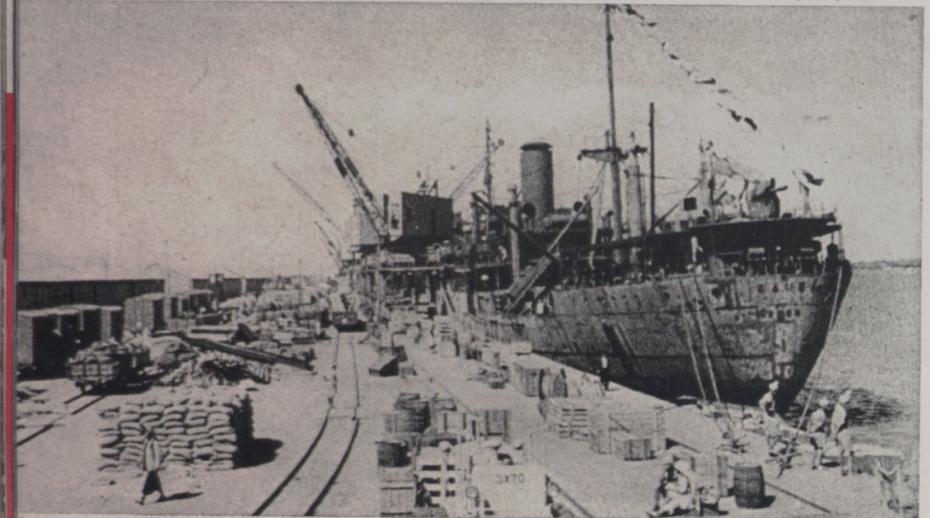
Um comboio de transportes de tropas aporta à Austrália. Amarrados, no convés, acham-se bombardeiros, e nos porões atopejados, estão peças de equipamento mecanizado necessário à crescente força expedicionária dos Estados Unidos que se prepara para iniciar intensa ação ofensiva na zona meridional do vasto Oceano Pacífico



Através das águas do extremo norte da Europa, navega, rigorosamente escoltado, um comboio conduzindo material bélico para o exército russo. Nessa região têm-se travado os combates mais violentos, em que os alemães atacam com submarinos e aviões, procurando desesperadamente cortar esse serviço vital de abastecimentos das Nações Unidas



Chega a um dos portos da Irlanda do Norte um tanque de procedência norte-americana. Sua guarnição apresta-se para conduzi-lo a um dos vizinhos campos de concentração de tropas dos Estados Unidos, que cada vez mais aumentam nesse ponto estratégico, de onde se fará a ofensiva contra a costa do continente europeu, agora ocupado pelos Nazistas



Em Bender Chahpur, um cargueiro alivia-se da sua preciosa carga de armas e munições, depois de uma viagem arriscada. Dêsse porto, por via férrea, segue o material bélico através da Pérsia, para a Rússia, onde é distribuído na sua frente de batalha na Ucrânia e outros pontos estratégicos ao longo da luta contra os alemães



Material de guerra chega a Suez, para ser distribuído pelos exércitos aliados que se batem na zona do Mediterrâneo. Cada vez mais está a frente no Egito sendo servida por materiais do continente americano, através da rota do Cabo da Boa Esperança e também pelas vias aéreas que cortam o continente africano em vários pontos

conhecidos os riscos enfrentados pelos navios e os atos de heroísmo e abnegação de seus tripulantes, que consideram as minas e submarinos como simples precalços da vida do mar.

A criação, pelo Presidente Roosevelt, de uma entidade administrativa especialmente destinada aos transportes marítimos de guerra para "garantir a sua utilização mais efetiva", abrange quatro escopos essenciais: 1) O transporte e manutenção de tropas dos Estados Unidos em várias partes do mundo; 2) O abastecimento de materiais e mercadorias de primeira necessidade às Nações Unidas; 3) A importação de matérias primas estratégicas em quantidades bastantes para conservar inalterável a elevada e contínua produção de guerra norte-americana; 4) Satisfazer tanto quanto possível, as necessidades da economia civil dos Estados Unidos e demais nações americanas.

Dêste programa transparece nitidamente a enormidade de uma tarefa cercada de tremendos obstáculos. Enfrenta-se acentuada escassez de navios, devido tanto ao fato de ser preciso organizar-se grandes comboios de ida e volta, ligando portos estratégicos situados a distâncias extremamente longas, como também devido aos efeitos da guerra submarina sem restrições, das potências do Eixo. Ativa-se, entretanto, consideravelmente, a execução do programa de construção de navios cargueiros; os resultados têm sido tão animadores que, presentemente, estão sendo terminados dois navios por dia. E em Dezembro próximo, o total da tonelagem mensal será de um milhão — quase o total verificado durante o ano inteiro de 1941.

Em várias frentes, prossegue encarniçada a luta que vái ceifando a vida a tantos que, com inaudita coragem e heroísmo, batem-se contra as horas empenhadas no tripúdio das liberdades humanas. Torna-se, portanto, inadiável lançar mão de todo navio disponível para o transporte de armas e mantimentos para êses que estão curtidando os maiores sacrifícios. E, assim, uma questão de vida ou morte.

Por esta razão, primeiro que tudo merecem consideração os transportes com objetivos de guerra.

Os acontecimentos têm demonstrado que se tivesse havido mais navios disponíveis para abastecer mais e com maior frequência os centros onde se decidem as pequenas batalhas, as grandes batalhas já teriam dado à guerra outro curso diferente. Daí firmar-se sem mais recursos o princípio supremo de prioridade para tudo quanto for necessidade militar. Praça para o transporte puramente comercial fica, conseqüentemente, na dependência dessa classificação sendo, portanto, cogitação de ordem secundária. Todos quantos nas Américas se esforçam e esperam pelo dia da vitória sobre as forças brutas da agressão, devem compreender isto.

Mas a despeito das incalculáveis dificuldades dos transportes marítimos em tempo de guerra e das exigências que a própria guerra faz da sua continuidade, os Estados Unidos estão lançando mão de todos os recursos possíveis para atender às necessidades das nações do continente. E a tal ponto, que já têm posto a serviço do comércio interamericano, navios que seriam de inestimável benefício, si estivessem satisfazendo às premências da guerra.

As Nações Unidas, em fins de 1941, dispunham de um total de quase 25.000.000 de toneladas de navios mercantes. Desde então, a construção de cargueiros tem aumentado enormemente, mas as perdas também não têm ficado atrás. Além

disso, o total disponível tem de corresponder à crescente e imprescindível necessidade do transporte de guerra verificada nêstes últimos meses.

Merece ainda acentuar-se que, em tempo de guerra, os transportes marítimos se fazem com delonga forçada, imposta por medidas de precaução e segurança e agravadas pelas enormes distâncias. Os riscos de ataque são constantes e a marcha de um comboio obedece à velocidade dos navios mais vagarosos. Ao chegar ao ponto de destino, há sempre congestão motivada pela chegada de numerosos navios simultaneamente. E disto resultam prolongados trabalhos de descarga.

Há ainda a inevitável circunstância de destacar-se a tonelagem mercante com a conversão de muitos de seus navios em transportes de guerra para as tropas em constante movimentação. Fatos êstes que reduzem a eficiência da navegação de 30 a 75 por cento.

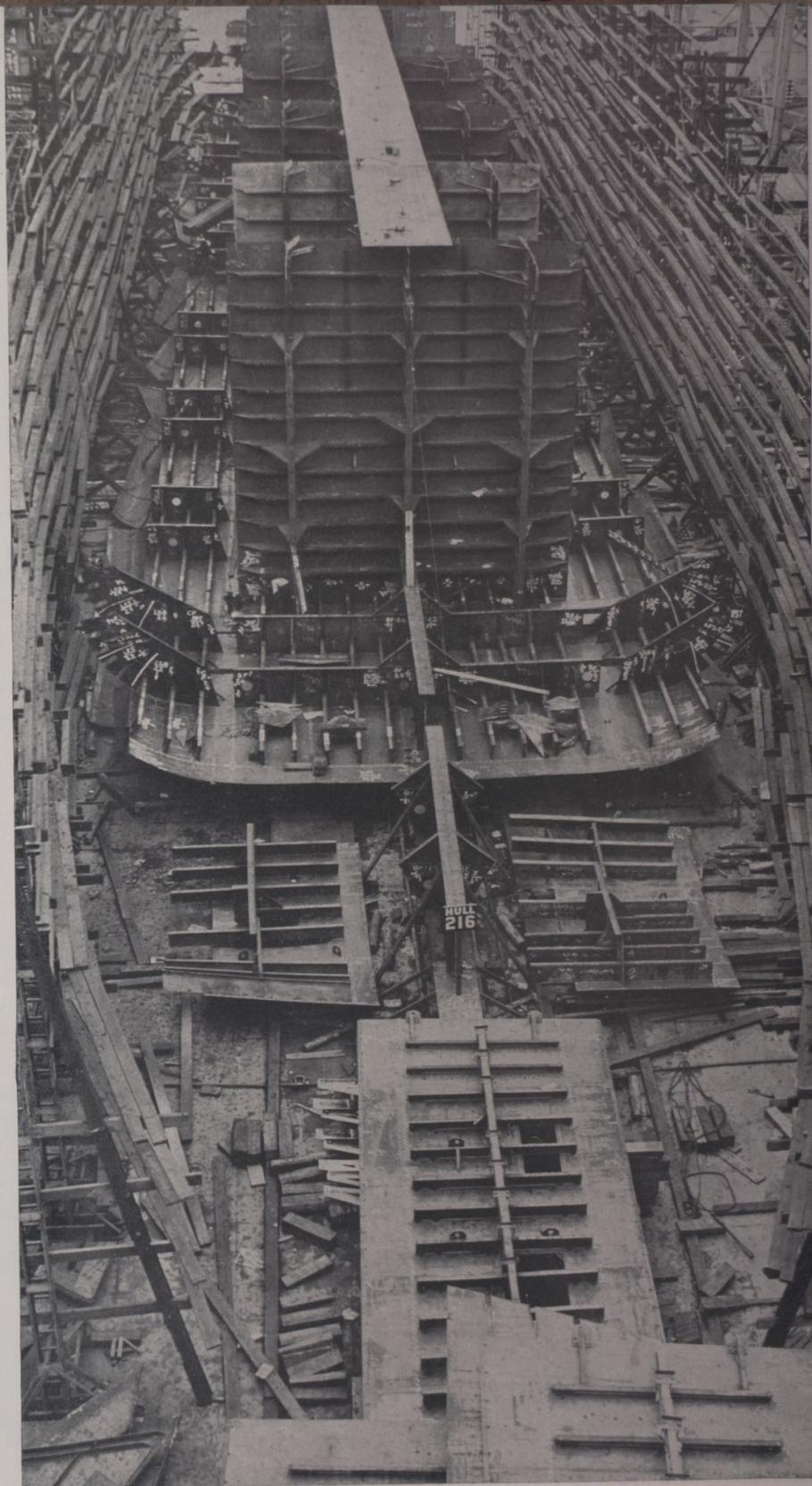
Na guerra passada, o problema de enviar suas tropas e abastecê-las era, para os Estados Unidos, apenas questão de atravessar o Atlântico, isto é, 3.000 milhas. Agora, o problema alastra-se a todos os continentes. O transporte de uma simples divisão de infantaria para a Austrália, por exemplo, exige de seis a oito transportes e número equivalente de cargueiros de 10.500 toneladas. Uma divisão motorizada precisa de mais do dôbro de navios. Só a manutenção de um exército de quatro milhões de homens na Europa, absorveria transportes num total de mais de oito milhões de toneladas. E está verificado que o transporte de cada soldado e seu equipamento requer de 18 a 24 toneladas de navio.

Confirma-se desta maneira e cada vez mais, o fato de depender a vitória do máximo que se puder conseguir de transportes marítimos. Para os Estados Unidos, a solução está na produção em massa de cargueiros. Si em 1942 estarão terminados navios num total de 8.000.000 de toneladas, em 1943, o total irá a 15.000.000 ou mais. Contra essa produção verdadeiramente fenomenal, deve-se, naturalmente, enfrentar o desconto imposto pela guerra submarina. Em Maio, por exemplo, a construção de cargueiros foi excedida pelos afundamentos nas costas do Atlântico. A adoção de medidas adequadas para combater tais obstáculos já está se verificando em seus resultados. Novo sistema de comboios e o patrulhamento aéreo estão reduzindo o ataque dos submarinos do Eixo.

A estratégica posição das Ilhas Britânicas — que eventualmente serão ponto de apoio da ofensiva contra o nazismo no continente, as coloca fundamentalmente em primeiro lugar em matéria de prioridades de transportes. E até ficar definitivamente estabelecido que todos os meios para alcançar-se a vitória estão sendo usados, quanto aos transportes marítimos, não há como escapar aos efeitos da situação em tôdas as Américas.

Dêsde o México até a Argentina, acumulam-se nas docas produtos e mercadorias, por falta de praça; agrava-se a escassez de produtos importados, muitos dos quais são de todo essenciais à economia de cada país.

Mas seus governos, juntamente com o dos Estados Unidos, enfrentam a anormalidade procurando aliviá-la praticamente. Providências estão sendo adotadas nêsse sentido, e a boa vontade e perfeita compreensão demonstrada por todos, anima a crer que o objetivo mágnio da vitória poderá, enfim, se harmonizar com os outros referentes à manutenção das valiosas fontes que estão suprindo materiais essenciais para a guerra e que devem ser supridas durante a guerra.



Do emaranhado desta carcassa, um navio cargueiro da "frota da liberdade" toma sua forma, num dos centenares de estaleiros ao longo da costa. O tempo de construção de um navio de 10.000 toneladas, como êste, é de 100 dias, conquanto esteja se verificando o seu acabamento em 47 dias, do assentamento da quila ao seu lançamento ao mar

PATRULHA DA COSTA

O TRÁFEGO marítimo das Nações Unidas, que se desenvolve agora sobre a grande massa de água que cobre quasi as três quartas partes da superfície do globo, torna-se um problema de mágnã importância para a proteção de seus serviços de transportes.

Ao longo das extensas costas do continente americano, movimentam-se incessantemente os cargueiros portadores de matérias-primas essenciais à guerra, e que das fontes situadas nas várias Repúblicas Americanas, vêm conservar ativas as fábricas norte-americanas. Por seu turno, mercadorias indispensáveis a outras nações do hemisfério, saem dos portos da América do Norte, para manter esse intercâmbio básico que a prossecução da luta exige. Através do Atlântico-norte e sul e em vasta área do Pacífico, navegam grandes comboios conduzindo tropas e armamentos que estão a chegar satisfatoriamente a seus destinos, na Inglaterra, no norte da África, na Rússia, Austrália e outros pontos distantes onde se intensificam as operações militares.

Para proteger esse gigantesco tráfego marítimo, é indispensável constante vigilância por parte da marinha e de outros elementos das forças armadas dos Estados Unidos. A frota mercante das Nações Unidas, assim como a dos países não-beligerantes, enfrenta a traiçoeira arma que é o submarino, contra o qual se acha organizada uma ação defensiva bastante complexa.

No litoral dos Estados Unidos, os navios norte-americanos são defendidos por seus próprios canhões, guardados por artilheiros navais, e pelas patrulhas de navios da esquadra e aviões do exército e da armada.

Ao largo da costa, numa área que alcança centenas de milhas pelo mar a fóra, as patrulhas são compostas de aviões bombardeiros e de observação, de pequenos dirigíveis da marinha e unidades da esquadra. Ao longo do litoral, há ainda a participação dos caça-minas, lanchas-torpedeiras, canoneiras, barcos de pesca armados, além de aviões particulares, pilotados por aviadores civis.

O bombardeiro e o pequeno dirigível destacam-se como armas de grande eficiência contra os submersíveis. Os dirigíveis, pela sua facilidade de poder manobrar lentamente e até parar sobre determinado ponto, tornam-se arma segura para o ataque efetivo ao submarino. Ao ser descoberto, este procura submergir até o fundo do mar, onde se conserva com seus motores parados, a fim de impedir a captação de qualquer ruído pelos aparelhos especiais de que são dotados os dirigíveis e aviões bombardeiros.

Uma vez descoberta a sua presa, o dirigível pára e espera no local, de bombas preparadas, a volta do corsário a superfície das águas, atacando então com astúcia comparável a do próprio submarino.

A poucas milhas de algumas das maiores cidades dos Estados Unidos, ao longo do litoral, permanece em serviço constante o patrulhamento feito por pequenas embarcações, muitas delas de particulares, que, juntamente com caça-minas, lança-rêdes e aviões da marinha, conservam-se alerta dia e noite. Dentre seus tripulantes há velhos lobos do mar, oficiais da armada e experientados pescadores, oficiais da reserva e jovens tenentes.

Uma das mais importantes tarefas da patrulha do litoral é caçar minas lançadas por submarinos inimigos nas vias de navegação ao largo da costa. Isso é feito de duas maneiras, ou por um só navio pequeno, levando a reboque cabos, que por meio de paravanes, se abrem em forma de leque, e cortam o cabo de qualquer mina em seu trajeto, ou por dois navios que, seguindo paralelamente, são ligados por um cabo que, no arrastão, vai colhendo as minas que se encontrarem no seu percurso.



Da ponte de observação de um destroyer em patrulha, o vigia observa no horizonte um navio desconhecido, e comunica o fato imediatamente, pelo telefone. Em baixo: Três aviões-patrulhas navais aproximam-se para inspecionar e fazer a sua comunicação por meio do rádio de ondas curtas, mantendo constante contato com o navio



Três pequenos mas encientes dirigíveis navais do serviço de patrulha anti-submarina. Permanecem até cinquenta horas no ar, sem reabastecer-se de combustível



O patrulhamento aéreo da costa faz-se com todos os rigores, tornando-se, por isso cada vez mais eficiente. Aqui vemos o comandante de um avião dando suas últimas ordens



Um avião prestes a iniciar o serviço de patrulhamento da costa. Sua guarnição compõe-se geralmente de três homens: o piloto, o observador-fotógrafo e o artilheiro

A Guerra e a Paz

AS constantes declarações de altas autoridades das Nações Unidas deixam transparecer a convicção de que qualquer preparação para a paz implica a completa prossecução da guerra até a vitória final. Cada vez mais, a planificação da paz futura torna-se parte integrante do propósito da guerra total das nações aliadas. Sejam quais forem os elevados motivos que animam essa planificação de paz, o certo é que, acima de tudo, coloca-se a vigorosa ação indispensável ao triunfo pelas armas. Razão por que todas as cogitações relativas ao futuro ligam-se intimamente às duras realidades do presente.

E', portanto, devéras significativo o fato de partirem de três personalidades norte-americanas diretamente ligadas à cooperação continental, as importantes declarações a respeito do mundo do pós-guerra. Trata-se dos Srs. Sumner Welles, Sub-Secretário de Estado, e que foi chefe da delegação dos Estados Unidos à Conferência do Rio de Janeiro e delegado a várias outras reuniões do mesmo caráter; Henry A. Wallace, Vice-Presidente da República, e Milo Perkins, estes, respectivamente, presidente e diretor da Junta de Guerra Económica.

A cooperação internacional nas bases estabelecidas para as nações da América entra, naturalmente, na planificação de um mundo melhor cogitado por esses líderes. E' o sistema para o qual têm contribuído decididamente as vinte e uma repúblicas deste hemisfério, e que se assenta na igualdade de soberania, na justiça, na liberdade e mútua resistência à agressão.

"Não posso crer, declara o Sr. Welles, que os povos dos Estados Unidos e do resto do continente, desistam jamais do sistema interamericano que eles edificaram, e que constitui hoje no mundo, o único exemplo de uma federação regional de povos livres e independentes. E' um sistema que deve tornar-se a coluna mestra da estrutura do mundo do futuro."

O Sr. Wallace também tem-se externado realçando o papel e a responsabilidade deste continente na edificação de uma "paz americana".

"As caudalosas torrentes de cultura que nos têm chegado das magestosas fontes do passado, lembra o Vice-Presidente Wallace, aqui na América vieram reunir-se para edificar uma nova civilização na qual se combinam a justiça social dos profetas, a justiça jurídica de Roma, a estabilidade da Grã-Bretanha, o entusiasmo da Espanha, a tolerância de Portugal e o ânimo forte do Índio, com as aspirações do homem comum, que é a essência do próprio sol e do solo da América. Ainda veremos o dia em que o sol da nossa América irradiará para todos, no mundo, a luz do direito compensador de todos os sacrifícios."

As quatro liberdades enunciadas pelo Presidente Roosevelt formam o fundo magistral dessa planificação para o futuro. Esses três homens ilustres já se externaram especificamente na aplicação das quatro liberdades essenciais: "O século que virá depois desta guerra, pôde e deve ser o século do homem comum", afirma o Sr. Wallace. A isto, acrescenta o Sr. Welles: "Esta é em todos os sentidos uma guerra do povo. E' um conflito que não pode ser considerado vitorioso senão depois que estiverem garantidos os direitos fundamentais dos povos da terra."

Dessarte, define-se a guerra como uma Revolução do Povo, como sendo os derradeiros esforços

na luta titânica pelas faculdades democráticas. O Sr. Wallace estabelece o contraste da presente guerra com a série de lutas pela liberdade, verificadas nos últimos 150 anos. Destacam-se a Revolução dos Estados Unidos, em 1775, a Revolução Francesa, em 1792, a era revolucionária americana de Bolívar, San Martín e O'Higgins; a Revolução Germânica de 1848 e a Revolução Russa de 1917. Estas lutas não deixaram de se verificar sem excessos, mas o Sr. Wallace acentua que, devido a elas, mais se desenvolveu entre os povos o espírito de pensar e agir de comum acordo. Esta tendência, conclui ele, há-de florescer com uma paz justa, ao termo desta guerra.

A garantia da elevação do padrão de vida para o homem comum em todas as partes do mundo constitui, para esses três pensadores e planejadores, condição inerente a uma paz justa. Esta é, das quatro liberdades, a mais imperiosa universalmente: libertar a todos da cruciante privação. E' uma liberdade que se aplicará tanto ao Eixo vencido, como às Nações Unidas.

NA lúcida opinião do Sr. Welles—"A discriminação contra povos, devido a condições de raça, credo ou cor deve ser abolida. E isto também significa o fim da discriminação económica, porque a era do imperialismo está extinta."

"Nação alguma há-de ter o direito divino de explorar outras nações, afirma por sua vez, o Sr. Wallace; não mais poderá haver imperialismo militar ou económico."

E justificando a idéia de que a elevação do padrão de vida, para ser efetiva, deve ser acompanhada da industrialização universal, o Vice-Presidente acha que "o homem comum deverá aprender a criar suas indústrias, por si mesmo e de maneira prática."

Quanto ao Sr. Perkins, que é homem de negócios e economista, a luta para que dê como resultado uma economia de produção em massa, irá além desta guerra. Na sua opinião, esse problema será resolvido pela geração vindoura. "Já se partiram os elos da cadeia das éras, afirma ele; depois desta guerra, a inatividade de homens, de capitais e máquinas, será um pecado imperdoável."

A inabilidade do mundo de fazer a distribuição daquilo que aprendeu a produzir é, no parecer do Sr. Perkins, uma das causas primárias da presente conflagração. Para ele, essa falha tornou-se tão verdadeira em relação ao comércio interno, como quanto ao comércio internacional. Um mundo que era rico em produtos naturais e manufaturados, mas pobre no seu consumo, lançou as sementes da dissensão que tornou possível esta guerra. E prossegue: "Só será alcançada a vitória final quando se verificar completo e crescente uso dos recursos do mundo, para conseguir-se elevar o padrão de vida, de um extremo a outro do planeta."

Esclarecendo graficamente os benefícios resultantes dessa possível realidade, menciona ele o fato de que, si apenas os povos da Ásia, conseguissem ganhar a mais um vintem norte-americano por dia, isso iria abrir um mercado mundial de quatro bilhões de dólares por ano.

Entretanto, na configuração final, a ação concreta a bem de um mundo melhor depois da guerra, é mais importante do que simples palavras. Por isso, são dignos de referência os princípios corporifica-

dos nos acordos de empréstimos e arrendamentos, porque eles representam uma ação construtiva e de longo alcance. A Grã-Bretanha, a China, Rússia e Bélgica já firmaram tais acordos com os Estados Unidos. Outras nações prepararam-se para acordos similares, acessíveis a "todas as demais nações com idênticas disposições de espírito".

A FORMULA desses acordos reúne bases práticas para a prossecução cotidiana da guerra, por meio de medidas que visam fortalecer a paz futura.

O princípio prático do acordo é contribuir para a defesa de qualquer país que for considerado vital à defesa dos Estados Unidos e à própria defesa do continente americano. E', portanto, medida prática fornecer material bélico, da maneira mais direta e possível, aos países que resistem à agressão. Isto está sendo feito com um único fito: a derrota do Eixo.

A significação desses acordos no período posterior à guerra, tem suas raízes nas teorias liberais acerca do comércio internacional, expressas pelo Secretário de Estado Cordell Hull, e nas garantias de liberdade económica oferecidas na Carta do Atlântico. Este é um aspecto que se define claramente quanto aos termos referentes ao pagamento do auxílio concedido através de "empréstimos e arrendamentos". Todos os termos são, expressamente, de tal ordem que "não possam constituir sobrecarga ao comércio entre os dois países signatários, mas sirvam, antes, para estabelecer relações económicas de benefícios mútuos para ambos". No acordo efetuado entre a Rússia e os Estados Unidos, documento idêntico, em sua essência, aos firmados com outros governos, o seu artigo VII coloca os países signatários diretamente interessados na "expansão, por meio de medidas de caráter nacional e internacional, da produção, do trabalho, intercâmbio e consumo de mercadorias que representam as bases materiais da liberdade e do bem-estar de todos os povos". Este significativo detalhe é outrossim esclarecido pela atitude que os contratantes se comprometem a assumir, a bem "da exclusão de todas as formas de tratamento discriminatório no seu comércio internacional", o que será levado a efeito "por meio da redução de tarifas e do afastamento de outras barreiras ao comércio".

E', por conseguinte, perfeitamente claro que o reembolso, a satisfação do pagamento verificar-se-á não em dinheiro propriamente, mas em valores de consumo generalizado, isto é, em mercadorias. Enaltecendo a significação deste ponto, o Presidente Roosevelt afirmou preteritoriamente: "Já tivemos ocasião de declarar de forma positiva a nossa intenção de evitar os erros políticos e económicos que tivemos de enfrentar em matéria de dívidas internacionais, durante a década de 1920 a 1930".

Já atingem a mais de 50 bilhões de dólares, as autorizações correntes de empréstimos e arrendamentos, fato que vem dar uma idéia do que será depois da guerra, o movimento livre de mercadorias causado diretamente por tais acordos. As nações que deles participam terão ensêjo de demonstrar praticamente a sua habilidade de não somente distribuir aquilo que produzem, como também de fomentar a produção dos elementos que assegurarão um intercâmbio comercial tão equilibrado quanto possível. Os mercados existem; falta apenas aplicar a fórmula ditada pela razão e pelo bom senso.

SUMNER WELLES

SUMNER WELLES, Sub-Secretário de Estado dos Estados Unidos, pertence a um grupo de líderes de visões largas, como o próprio Secretário de Estado, Cordell Hull, e que têm se esforçado numa seqüência de anos de intensa atividade em prol do grandioso objetivo panamericano—a colaboração continental com cada uma das 21 repúblicas, todas contribuindo com a riqueza de seus inestimáveis recursos naturais, com a reconhecida habilidade do seu trabalho e as vantagens da sua cultura para o benefício mútuo e para o estabelecimento de um mundo melhor para todos.

Na Conferência de Chanceleres realizada no Rio de Janeiro, em princípios deste ano, o Sub-Secretário de Estado revelou-se em incansável operosidade e profunda visão, com outros estadistas das nações americanas, no propósito de tornar efetivo o tremendo golpe contra as ambições dos agressores do Eixo. A conferência reuniu-se apenas um mês depois da inqualificável torpeza nipônica que forçou à guerra o nosso continente; contudo, agindo

pronta e eficazmente, os ministros do Exterior dos países americanos conseguiram converter a colaboração de tempo de paz de seus respectivos países, em imponente e respeitável frente única de 400 milhões de habitantes, dispostos a resistir a qualquer atividade agressiva ou subversiva do Eixo em qualquer parte deste continente.

Dotado de simpática personalidade, êsse diplomata de escôl, que também se impõe por aquilo que certo escritor já definiu como "a impassibilidade característica do diplomata idealista", é talvez um dos mais intimamente ligados à história do desenvolvimento da política de Boa Vizinhança.

No ano seguinte à sua formatura pela Universidade de Havard, em 1915, Welles ingressou no corpo diplomático, indo servir na embaixada no Japão, como segundo-secretário. Dois anos depois, encontrava-se em Buenos Aires, onde primeiro anteviu a grandeza da idéia que viria ser a verdadeira política panamericana. Em 1921, aos 29 anos de idade, foi chamado a Washington, para dirigir a secção das repúblicas americanas do Departamento de Estado, cuja significação crescia consideravelmente. Os fatos atestam que Sumner Welles esteve em constante conflito com a concepção da chamada

"diplomacia do dólar", causa direta do seu afastamento, em 1925, do Departamento de Estado. Mas, mesmo fora das lides diplomáticas, prosseguiu trabalhando pela unidade e colaboração continental. E com o advento do governo Roosevelt, em 1933, o Presidente e seu Secretário de Estado, Cordell Hull, chamaram-no novamente para Washington, desta vez como Sub-Secretário de Estado.

Na sua opinião, após a derrota do Eixo, as democracias terão a imperiosa tarefa de proceder à obra de reconstrução do mundo sob novos moldes.

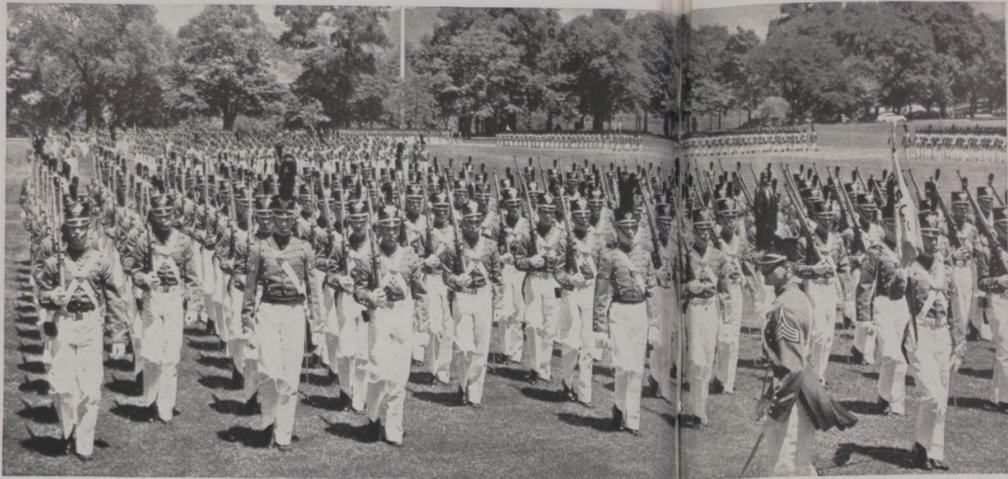
"A despeito da magnitude da tarefa, afirma êle não podemos falhar novamente na solução dos problemas políticos e económicos diretamente responsáveis pelas duas grandes guerras deste século. Precisamos convencer os povos do mundo de que não se verão garantidos apenas com extensão territorial, mas sim com o livre acesso às matérias primas que têm se tornado tão essenciais, desde a revolução industrial. Quando tivermos isto claramente exposto e provarmos que podemos desenvolver um sistema pelo qual essas matérias primas estarão, de fato, ao alcance de todos, em tempo de paz, os ditadores terão perdido muitos dos recursos demagógicos com que procuram atrair as massas".

PROGRAMA DE AMIZADE

FOI acontecimento sem precedentes nos anais das nações americanas, a dupla cerimônia realizada pelo corpo de alunos da Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, e da Academia Militar de West Point, nos Estados Unidos, no dia 28 de Maio, por ocasião da transmissão de saudações mútuas, através do rádio. A 18 de Junho, as saudações verificaram-se entre os aspirantes da Escola Naval brasileira e da Escola Naval norte-americana. Na cerimônia dos alunos militares, foi executado o hino nacional do Brasil e dos Estados Unidos, e na dos aspirantes de marinha, foi entoada a canção predileta de cada uma das escolas.

O programa das escolas militares foi iniciado pela Academia de West Point. Seu diretor, general Francis Wilby, expressou as saudações que foram transmitidas pelo rádio, em inglês e português, à Escola do Realengo e às 89 estações no território brasileiro. O coronel Alcio Souto, comandante da escola brasileira, respondeu agradecendo, e um cadete brasileiro dirigiu em inglês uma saudação aos cadetes de West Point que, reunidos no Column Hall, enviaram, por sua vez um "hurrah" aos seus companheiros de armas do Brasil.

A cerimônia dos aspirantes de marinha brasileiros realizou-se no Palácio Tiradentes, onde tiveram eles oportunidade de ouvir os seus colegas de Anápolis. O almirante Lemos Basto, em seguida falou em nome da



Cadetes em evoluções no campo de parada da Academia de West Point. Os generais Pershing, MacArthur e numerosos outros líderes militares dos Estados Unidos, assim como vários oficiais do exército de outras nações americanas são produtores desse famoso centro de preparação profissional

A banda de música da Escola Militar do Realengo prepara-se para acompanhar a entoação de hino nacional, do Brasil e dos Estados Unidos, durante a cerimônia de troca de saudações entre as duas escolas



O coronel Alcio Souto, comandante de Escola Militar do Realengo, do Rio de Janeiro, lendo a sua mensagem de saudações irradiada à West Point, e que marcou a primeira demonstração do gênero, entre dois centros de ensino militar nas Américas



Reunidos no Palácio Tiradentes, no Rio de Janeiro, os cadetes da Escola Militar do Realengo ouvem a transmissão das saudações dos seus colegas da Academia de West Point, fato que despertou interesse nos círculos militares nos Estados Unidos e Brasil

escola sob sua direção, e o almirante John Beardall expressou os sentimentos dos aspirantes norte-americanos. A Mutual Broadcasting System fez a rádio-transmissão às suas 202 estações nos Estados Unidos.

O fato mereceu apreciações da imprensa brasileira como sendo "viva e palpitante expressão da solidariedade e simpatia que unem o Brasil e os Estados Unidos."

A cerimônia do Realego teve significação especial por ter sido realizada na véspera da mudança da escola para a sua nova e magnífica sede em Rezende.

Da antiga Escola Preparatória Tática e Prática do Realengo, onde iniciaram sua carreira tantos oficiais ilustres do exército, à escola modelo de Rezende, há um grande progresso no ensino da ciência militar no Brasil. A inauguração desse moderno estabelecimento que, em muitos aspectos é o melhor aparelhado não somente nas Américas como no mundo inteiro, vem coincidir com a situação de extraordinário destaque em que a guerra colocou o Brasil, como nação forçada pelas circunstâncias, a tornar-se verdadeira potência militar.

A riqueza de seu solo, a unidade de seu povo e a clarividência de seus estadistas conjugam-se neste momento para transformar as potencialidades do maior país da América em um dos maiores baluartes da defesa do continente.

Neste momento histórico para os brasileiros, hão-de ocorrer-lhes interessantes reminiscências dos primeiros tempos da formação de sua pátria, através de fatos que, como agora, se ligavam tão intimamente a acontecimentos que se desenrolavam na Europa, em cujas côrtes se demarcava a partilha do mundo.

O transcorrer de séculos não veio abater em nada para o Brasil os perigos resultantes da sua privilegiada posição geográfica. Os mesmos riscos de invasão e domínio que agitaram a vida da colônia, por décadas inteiras, e que tanto se assinalaram pelas lutas tremendas ao longo da sua costa ao norte, reaparecem atualmente como uma ameaça não somente para a nação, como para o hemisfério.

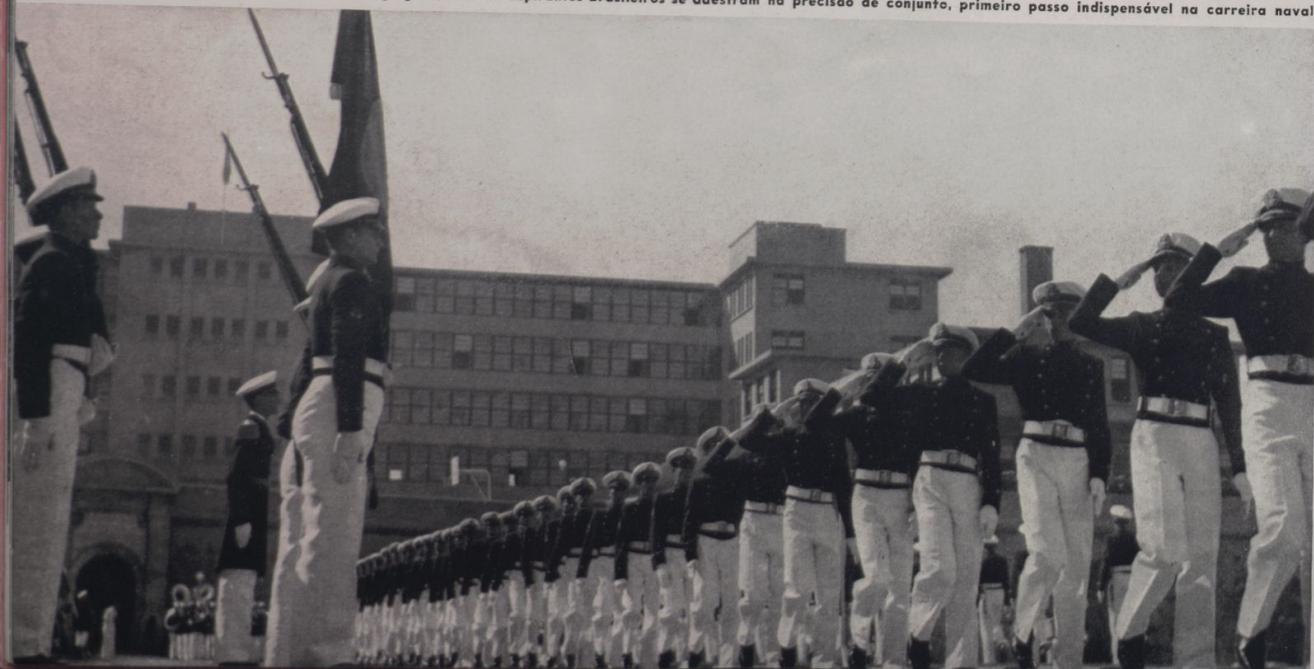
O rápido e incrível desenvolvimento alcançado pela aviação nêtes derradeiros anos, dá a essa ameaça tôdas as côres de um realismo que não escapa à percepção dos brasileiros.

Voltam assim suas vistas precavidadas para essas mesmas plagas históricas do norte, onde agora, como no passado, não deverá o invasor encontrar abrigo para suas ambições.

O ritmo de progresso que tem caracterizado a última década brasileira sincroniza-se com a excelente oportunidade que o presente lhe assegura para o futuro. Esse progresso, entanto, é marcadamente a consequência de um esforço para colocar o país e seu povo nos justos níveis das conquistas do trabalho como finalidade da sua própria existência. E' esse um diligente esforço que só poderá realizar-se em ambiente de paz e concórdia e de absoluta consagração universal ao respeito devido às obrigações internacionais. Tudo quanto vier perturbar esse princípio, e manifestar-se para a nação mesmo em simples forma de ameaça, há-de encontrá-la preparada para determinar o seu curso de ação.

Ao preparar-se militarmente, o Brasil, como outras nações, procura garantir-se contra qualquer solução de continuidade ao seu progresso, armando-se, portanto, de conformidade com as contingências do presente.

No campo de parada da Ilha de Villegaignon, onde os aspirantes brasileiros se adestram na precisão de conjunto, primeiro passo indispensável na carreira naval



A banda de música da Escola Naval brasileira acompanha o corpo de aspirantes de marinha na sua canção predileta e que marcou a abertura do "broadcast" das saudações enviadas aos

aspirantes norte-americanos. Em Anápolis, os aspirantes fizeram preceder a transmissão de suas saudações com a entoação da tradicional canção escolar "Anchors Aweigh" (Levantar Ferros)

O corpo de aspirantes de marinha da Escola de Anápolis, centro de instrução profissional que está agora fornecendo oficiais para as esquadras norte-americanas



O almirante Lemos Basto, diretor da Escola Naval brasileira, por ocasião de transmitir pelo rádio as suas saudações em nome dos aspirantes de marinha



Um aspirante brasileiro por ocasião de dirigir três "hurrahs" dos seus colegas, em honra aos aspirantes de marinha da Escola Naval de Anápolis

COLÔMBIA *Pedra Angular do Continente*

COLOMBIA — 1.400.000 quilômetros quadrados de altaneiras montanhas e longas planícies que se perdem no horizonte, é a pedra angular do continente sul-americano. Suas fronteiras marítimas enfrentam dois oceanos e distendem-se em longo e acentuado contorno, desde o Golfo de Maracáibo, em águas do Mar das Antilhas, no Atlântico, até cercanias da linha equatorial, na margem do Pacífico. No interior do continente, suas fronteiras mais avançadas penetram fundo até atingir o Orinoco, na Venezuela, e o Amazonas, no Brasil; e o istmo de Panamá, dividindo-lhe as duas costas, resalta como um galho a um tronco, para ligar as Américas.

Por achar-se em privilegiada situação geográfica, e por que dispõe de portos em ambos os mares, portos capazes de dar abrigo a tôdas as esquadras reunidas do mundo, e possuir ainda magníficos aeródromos e instalações de oleodutos em que flue para as margens do Mar das Antilhas um total de 22.500.000 barris de petróleo por ano, a Colômbia também é um dos países mais estratégicos das Américas, sobretudo pela sua ligação ao Canal.



O Dr. Alfonso Lopez, Presidente da Colômbia, sendo entrevistado, durante sua visita a Nova York

Esta importância, entretanto, não é só de agora. Cartagena, a "Cidade Heróica", esplendida com suas magníficas muralhas pardacentas de históricas fortalezas levantadas contra os Caráibas, foi um dos portos mais movimentados do comércio do Novo Mundo, o ponto de destino de navios que navegavam

sob o estandarte dos leões e castelos, por mares infestados de piratas. Navios de aço e a vapor substituíram aquelas naveas veleiras, e os bocanegras desapareceram, mas os cargueiros cinzentos e os valiosos tanques de hoje seguem suas rotas sinuosas atravessando perigos muito mais temíveis que aqueles que pudessem ser imaginados naquela era de simplicidade.

Quando os piratas se atiravam às suas aventuras em francos e arrojados veleiros, ao envez de furtivos submarinos, a Colômbia, então Novo-Reino de Granada, era profícua fonte de ambicionados metais, deervas medicinais, de cobiçadas esmeraldas e outras pedras preciosas. Tudo isto por lá ainda existe e continua valorizado. Seus rios e montanhas produziram ouro avaliado em quasi 42 milhões de pesos, em 1940; suas jazidas petrolíferas deram 25 milhões de barris de óleo cru. Há ferro e carvão, em minas frequentemente dispostas lado a lado, e outros depósitos minerais, tais como cobre e tungstênio que, apesar de inexplorados, não são inexploráveis. Há ainda o recurso básico de uma terra de fertilidade excelente, cujas possibilidades se expan-



Tóras de mogno aguardando transporte para exportação, no porto de Buenaventura. As florestas do país são extremamente ricas em madeiras de grande aplicação na indústria de móveis, e a sua exploração está se fazendo pelos métodos mais modernos



Fazendo a colheita do café, que tem sido para a Colômbia o maior sustentáculo da sua economia, representando dois terços do total da sua exportação. Agora, porém, a sua lavoura se estende a outras culturas, de grandes resultados

Lançamento provisório do leito de uma estrada para o transporte de maquinismos destinados a campos de exploração de petróleo colombiano, e que jaziam inexplorados devido à inacessibilidade do terreno da região



Destacando-se como um dos países sul-americanos que mais produzem ouro, a Colômbia tem atualmente mais de quinhentas minas em exploração. Em cima: Uma draga em operação nas margens do rio Magdalena, que corta uma rica região

dem com o desenvolvimento de novas estradas. Todavia, a despeito de tôdas essas vantagens, a Colômbia de há muito que tem sido, comercialmente, um país de monocultura, dominado e apoiado pelo café. Em 1940, sua exportação foi de 4.500.000 sacas. Café a 23 centavos americanos por libra, como esteve nos anos de fartura, era excelente negócio. A oito centavos, como caiu em 1939, já não se diz tanto — e mesmo com a venda de ouro minado, pelo governo, o café constitui quase 94 por cento da exportação da Colômbia. Os preços agora estão melhores, graças ao plano do Café por Côtas, e o governo está decidido a animar um cultivo mais racional, baseado na produção planejada, que significa produção controlada.

Passar de uma economia quasi-feudal para a planificação industrial é um grande salto. A Colômbia tem se esforçado durante quarenta anos — quarenta anos livres de revoluções, período em que a sua população dobrou sem o benefício da imigração.

Em 1903, ano em que começa a sua história moderna, a Colômbia acercoou-se tanto das profundezas de uma crise econômica, quanto é possível acercoar-se uma nação, sem chegar à completa bancarrota. A guerra civil a havia deixado completamente esgotada. Não havia estradas; a instrução era privilégio de poucos; higiene e saúde pública eram figuras de retórica. Os problemas básicos estavam sem solução. Tudo isto já havia mudado no curso de dez anos,

mas foi nas duas últimas décadas que se revelaram prodigiosamente através de estatísticas de grande significação.

A Colômbia produz agora o dôbro da quantidade de ouro verificada em 1922; o dôbro do café, da cola e mais do dobro do trigo; a cultura da cana de açúcar triplicou, a do milho, setuplicou; o arroz atingiu a onze vezes mais e o algodão, a 130 vezes. A nação gasta dez vezes mais em instrução a saúde pública; em seis anos, abriram-se 1.105 novas escolas. Em 1939, a sua grande linha aérea fez uma média de 22 a 23 vôos diários, transportando sete milhões de quilos de carga — na maior parte por sobre os Andes — sem acidente algum. Dispõe agora de 10.000 quilômetros de novas rodovias, que abrem novas aplicações para o automóvel.

De 1934 a 1938, o governo inovador de Alfonso Lopez — que fôra empossado na presidência, para um segundo período, a 7 de Agosto — interessou-se por tantas reformas, que chegaram elas a constituir uma verdadeira revolução pacífica. Dentre as reformas, destacam-se, pela sua proeminência e controversia, a tributária e a avançada legislação trabalhista. É interessante notar que desde então, as indústrias aumentaram de 300 por cento e duplicaram seus lucros.

A guerra não deixou de afetar o país, material e espiritualmente. Sua economia, sempre em pequenos totais e pouca margem, tem sofrido bastante

com o deslocamento do seu comércio exterior: a exportação drasticamente reduzida, assim como a sua importação essencial, reduzida e incerta. Mas devido aos aspectos morais da guerra, seu povo não reclama.

Dedicada à liberdade, a Colômbia tem sentido extraordinariamente a força de coesão resultante de ideais e perigos comuns. Não é limitada apenas pelo rompimento de relações diplomáticas com as potências do Eixo, ou pela colaboração concreta a bem da salvaguarda do continente: além desses fatos, há uma participação mais profunda, uma certa urgência na verdadeira irmanação das Américas. É uma consequência lógica de um desejo, de há muito evidente, para colaborar com os seus vizinhos e com uma política de solidariedade a tôdas as medidas destinadas a promover a amizade interamericana.

No mundo em que se encontra a Colômbia, os Estados Unidos não são o seu único vizinho, conquanto sejam, inevitavelmente, de considerável importância. As relações entre os dois países nunca estiveram tão íntimas e cordiais como agora. Por ser a Colômbia uma nação cujo povo se mostra sempre politicamente alerta e articulado, a política oficial é apenas um reflexo da opinião pública.

Não é uma questão de querer ser "exatamente como os Estados Unidos". Nem se trata, tão pouco, de uma abdicção da autoridade soberana — o que seria uma falsificação do ideal democrático. É, antes,

uma compreensão rápida e precisa de dignidade nacional e da oportunidade, assim como de responsabilidade conjunta pelo futuro deste continente ainda jovem, e do qual dependem as esperanças de amanhã.

A força da Colômbia, tal como no caso de outras nações americanas, não está em sua organização militar nem em espírito de beligerância. Seu exército é bem organizado e nunca, nem mesmo nos mais agitados períodos da história do país, tem desobedecido à autoridade constituída. Mas não é um grande exército. A força da Colômbia está no seu espírito. É um espírito entalhado em independência, patriotismo e uma nova compreensão do valor do seu passado, e isso aumenta o poder combativo da nação a um total igual ao da sua própria população válida.

A beleza massiva de Cartagena representa mais do que a pompa extinta de um império. Aquelas muralhas e casamatas enfrentam o mar como um símbolo da determinação colombiana de defender o seu povo e seus ideais, batendo-se, portanto, pelo bem-estar do Novo Mundo.

É com o estímulo da grandeza moral e espiritual de povos assim, que se sustenta sólida e permanentemente a convicção de que, para as Américas, seus destinos manter-se-ão dentro das normas inflexíveis da Justiça e do Direito. Neste propósito incoercível é que está a sua força.

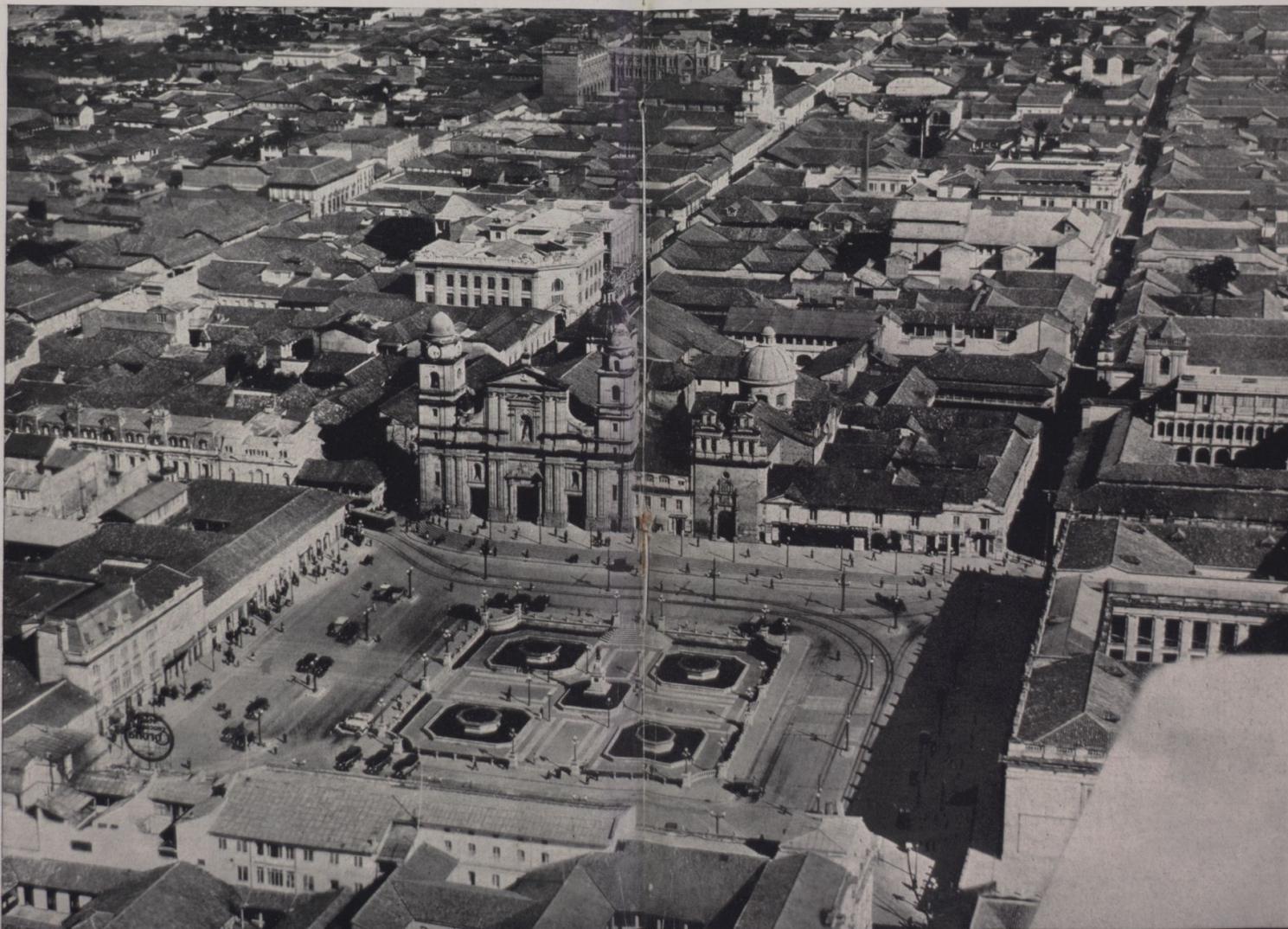


Reconhecida como um dos mais adiantados centros de cultura no América do Sul, a Colômbia dispõe de sistema de ensino rigorosamente moderno. Em baixo, vê-se um flagrante de colegiais numa das "escolas progressivas"

O Teatro Colômbia, em Bogotá, é um exemplo dos muitos edifícios que se destacam nas cidades da república, pela sua moderna arquitetura



Bogotá, a formosa capital da república, é uma cidade moderna, de mais de quatrocentos mil habitantes, que retém, contudo, muitas das interessantes características de quando era sede do vice-reinado do poderoso



império colonial espanhol no Novo Mundo. Em baixo vemos um belo aspecto da famosa Plaza de Bolívar, no coração da cidade, e cujo nome é uma homenagem a Simón Bolívar, o grande líder da independência

Cartagena—um dos históricos redutos dos conquistadores, é atualmente um dos mais importantes portos do país, no Mar das Antilhas



Barranquilla—privilegiadamente situada à embocadura do importante rio Magdalena, é a segunda grande cidade da república



PELAS AMÉRICAS



Dois membros do governo da Venezuela, em visita aos Estados Unidos, são festejados pela Sociedade Panamericana e pela Câmara de Comércio Venezuelana dos Estados Unidos, num banquete em Nova York. Da esquerda para a direita: Dr. C.

Parra Perez, ministro do Exterior da Venezuela; Frederick E. Hasler, Presidente da Sociedade Panamericana, e Rodolfo Rojas, ministro da Agricultura da Venezuela. Várias e significativas foram outras homenagens prestadas aos ilustres visitantes venezuelanos



O comandante do navio mercante argentino "Rio Tercero", capitão Luis Pedro Scalese, e que foi afundado por um submarino alemão na costa dos Estados Unidos, relata de Nova York, num rádio-broadcast para os seus compatriotas na Argentina, o traizoeiro ataque à liberdade dos mares, e que tanto clamor provocou em seus pais



O Dr. Octavio Fábrega, chanceler panamenho, ao assinar o acôrdo sobre o estabelecimento de bases dos Estados Unidos, para a garantia do Canal do Panamá. A esquerda, vê-se o Embaixador norte-americano na República do Panamá, Sr. Edwin C. Wilson. O acôrdo é de grande significação para a defesa do continente contra qualquer ataque.



A esposa e o filho do Presidente Antonio Rios, do Chile, chegam a Los Angeles, de avião. O jovem Juan Guillermo Rios, que se vê ao fundo, veio aos Estados Unidos especialmente para matricular-se numa das universidades, para completar seus estudos



Mais um avião de combate para as forças britânicas. O Embaixador Brasileiro em Londres, Dr. José Joaquín Moniz de Aragão, à esquerda, faz entrega oficial do aparelho, em nome do Estado de São Paulo, ofertante do moderno aeroplano



O chanceler brasileiro, Dr. Oswaldo Aranha, na intimidade: em companhia de sua senhora, seus dois filhos e duas filhas, em sua residência, por ocasião da comemoração, em Junho último, do vigésimo-quinto aniversário do seu casamento.



A cidade de Nova Bedford, no Estado de Massachusetts, comemorou festivamente o aniversário da descoberta do Brasil. Mais de 40.000 cidadãos de Nova Bedford compõem interessante núcleo de origem portuguesa. A esquerda vê-se presente às solenidades o representante do Serviço Brasileiro de Informações, Sr. Julio Barata



O coronel José P. Coello, experimentado piloto, com mais de duas mil horas de vôo, e chefe das Forças Aéreas Bolivianas (na nação) interessa-se vivamente por alguns detalhes importantes ministrados no treinamento dos cadetes norte-americanos, e que lhe são fornecidos pelo coronel C. B. Harvin, diretor do Campo Randolph

ECONOMIA DE GUERRA

A ECONOMIA de guerra — controle oficial sobre todos os bens que constituem as utilidades de um povo, está fazendo sentir-se nos Estados Unidos, nos lares de seus 133.000.000 de habitantes. A necessidade, como fenômeno econômico, resume-se agora na conjugação do esforço total para um objetivo supremo — a vitória.

Artigos com os quais tanto já se havia familiarizado o público norte-americano — como automóveis, máquinas de lavar roupa, rádios, produtos alimentícios enlatados, pianos e carrinhos de crianças — estão desaparecendo do mercado, ou estão com sua produção ou venda rigorosamente reduzidas, a fim de permitir completo impulso ao esforço da guerra total, cujo orçamento atinge à soma colossal de 200 bilhões de dólares.

A nação decreta a fusão da totalidade de seus recursos e o banimento geral de luxos e frivolidades; estabelece, cada vez mais imperiosamente, a regulamentação de preços, salários, alugueres e lucros, estendendo-se também à utilização de matérias primas e produtos manufaturados. Os preços acham-se "congelados" em determinados máximos e a produção de guerra, protegida por um rigoroso sistema de prioridades, tem absoluta preferência.

A vida nos Estados Unidos, em tempo de paz, estava intimamente ligada ao automóvel. O prodigioso desenvolvimento da manufatura desse veículo, tornando-o meio de transporte barato e acessível a todos, facilitou enormemente a disseminação da população do país.

De repente, o rompimento das hostilidades no Pacífico-sul cortou a maior parte das fontes de borracha do país. As crescentes necessidades de transportes marítimos e terrestres, agravada pelas depredações dos submarinos, veio forçar o racionamento da gasolina e da borracha.

Com o número de automóveis cada vez mais em declínio em todas as rodovias, e as vias-férreas com o tráfego a atingir os limites da sua capacidade, em face do transporte de material bélico, o serviço de passageiros está sendo grandemente reduzido. É possível que o racionamento atinja também esse serviço, futuramente. As linhas aéreas da nação já foram absorvidas pelo exército, sob o regime de prioridades, a fim de evitar toda delonga possível na movimentação de pessoal militar.

Os norte-americanos, tradicionalmente o povo que mais viaja, está, portanto, tendo seriamente limitada a sua liberdade de locomoção.

Centenas de artigos manufaturados com quais já se achava o público consumidor inteiramente familiarizado, estão a escassear nas lojas e armazens, porque os Estados Unidos de há muito que desistiram da idéia de ser possível acomodar a produção de guerra com a produção industrial de tempos normais. O povo já sabe que há lugar apenas para a produção bélica — para as armas que garantirão a vitória — e que a manufatura de artigos civis terá de ser reduzida ao mínimo.

Era inevitável a repercussão por todo o hemisfério, da conversão generalizada da indústria dos Estados Unidos para os trabalhos de guerra, por isso que todos os países das Américas são interdependentes. Ordens limitando, reduzindo ou suspendendo a produção de considerável número de artigos de consumo, a limitação de preços referentes a artigos de exportação, a distribuição de praça nos navios, de maneira a assegurar o transporte de cargas vitais de matérias primas — tudo isso tem seus efeitos sentidos na economia das outras Repúblicas Americanas.

Uma nação em guerra não somente tem de enfiar sistematicamente todos os recursos de suas matérias primas e a capacidade produtiva indispensável aos fins da produção total de armamentos; mas também vê-se na contingência de providenciar com medidas de longo alcance, para apoiar firmemente a sua própria economia contra pressões e imprevistos da guerra — contra o espectro da inflação dos valores, que encerra em si perigos tão sérios quantos o da derrota numa batalha.

O encarecimento do custo da vida está sendo controlado pela fixação dos preços de quase todas as mercadorias, numa escala baseada nos preços máximos verificados em Março deste ano. Esta medida aplica-se aos mercados atacadista e varejista, e aos alugueres em todas as áreas circunvizinhas das indústrias de guerra. A limitação dos alugueres atingem 323 áreas, abrangendo cerca de 86 milhões de habitantes, ou sejam quase dois terços das famílias da nação.

O Presidente Roosevelt já declarou achar-se convencido de que, por meio do controle do custo da vida, os salários "podem e devem" manter-se nos níveis atuais.

"A verdade simples, afirmou o Presidente, é que todos nos Estados Unidos serão afetados por este programa. Alguns o serão mais diretamente, através de uma ou duas dessas medidas restritivas, mas todos serão afetados indiretamente por todas elas.

"Entretanto, quando ao fim desta grande luta, tivermos salvo a nossa maneira livre de viver, veremos que não se fez nenhum sacrifício."



A escassez de gasolina forçou a necessidade do seu racionamento. Aqui vemos motoristas de Nova York esperando a sua vez para o registro e obtenção do cartão de rações



Uma mina de borracha que, como milhares de outras do mesmo gênero nos Estados Unidos, estão sendo atualmente uma das fontes da importante matéria prima indispensável à indústria de guerra, e que entra na fabricação de quase a totalidade dos armamentos



O aproveitamento da borracha usada toma vulto extraordinário nos Estados Unidos, enquanto entra em ação a maneira mais prática de garantir-se a sua produção artificial. Meninas escoteiras, conforme se vê nesta gravura, também estão se encarregando de fazer a coleta de tudo quanto é artigo usado de borracha: desde pneus até bonecas



Antes e depois do racionamento de gasolina, numa das mais movimentadas artérias de Nova York. A esquerda é um aspecto tomado num domingo de manhã, em 1940, à direita é o observado dois anos depois, por ocasião do primeiro domingo após



o estabelecimento da distribuição controlada do precioso combustível. Nos Estados da costa do Atlântico, acha-se extremamente reduzido o uso do automóvel para simples viagens de recreio. Concomitantemente com a escassez da essência, há também a de pneus



Nos vastos salões do magnífico Escritório de Expansão Comercial da Brasil, no centro de Nova York — colegas da cidade estudando o grande e interessante mapa do Brasil, em relevo



A famosa Shirley Temple, oferece uma festa por ocasião de seu 14º aniversário natalício, às filhas dos representantes consulares das nações americanas, em Los Angeles. A esquerda da estrela favorita: Norman Lacayo, de Nicaragua, Sofia Torres, da Guatemala e Enrique R. Ballesteros Jr., do México. A direita, vêem-se: Teresita Arias, do Panamá, Gloria Rosario Muñoz Vidal, e Maria Eugenia Muñoz Vidal, da Colômbia. Shirley só agora compreende a extensão da sua popularidade nos países americanos

AS CRIANÇAS DAS AMÉRICAS

AS crianças das Américas, essa geração de amanhã, são hoje parte de um problema típico da guerra. E o Congresso Pan-americano da Criança, fase das mais humanas da cooperação continental, é um fator de grande relevo no exame e solução desse problema. A sua oitava reunião realizada recentemente em Washington, teve o comparecimento de representantes de todas as Repúblicas Americanas, e foi num ambiente de verdadeiro interesse científico que seus trabalhos encararam cuidadosamente o futuro das crianças deste hemisfério.

E' por todos reconhecido o perigo que as condições inerentes à guerra oferecem ao bem-estar das crianças. O Congresso — que se tem reunido periodicamente desde 1916 — preparou-se para enfrentar esse perigo e manter os benefícios já alcançados e decorrentes de suas reuniões anteriores.

No campo das medidas de proteção à saúde infantil, o Congresso tem recomendado o desenvolvimento da educação sanitária, a organização de centros de saúde infantil, a instrução das mães quanto aos cuidados com os seus filhinhos e a distribuição de matéria educacional sobre saúde. Outra recomendação veio estabelecer a idade de 14 anos como o mínimo para o trabalho de menores, e de 18

para ocupações arriscadas ou trabalho noturno. O Congresso sugeriu, como medida indispensável, o auxílio financeiro a famílias necessitadas, e apoiou providências, através das Américas, tendentes a reduzir as consequências do desequilíbrio econômico e social que afetam o bem-estar da família e consequentemente o da própria criança.

As necessidades infantis em face do período posterior à guerra mereceram o estudo de quatro comissões especiais. Uma tratou dos serviços essenciais destinados a mães e filhinhos, durante o curso das hostilidades; outra enumerou métodos de amparo a mães e filhinhos nas zonas de perigo; uma terceira, elaborou planos para a infância do mundo inteiro, posteriormente à guerra, e a quarta comissão considerou todos os meios e possibilidades de se mobilizarem no nosso continente, o conhecimento e a experiência de especialistas em geral e pediátras em particular, em tempo de paz e de guerra. Como resultados diretos da ação do Congresso, promovendo o conagração dos recursos científicos panamericanos, tem-se verificado crescente intercâmbio de estudantes e professores, através de bolsas, assim como a reciprocidade na disseminação de informações, por meio de correspondência, publicações e rádio.



Durante a exibição panamericana na Escola do Sagrado Coração, em Washington, Carlos Manuel Sera, (à esquerda) e Nicolas Rivera, filhos de diplomatas cubanos, posam em frente ao "stand" de Cuba, para demonstrar o seu entusiasmo pelo "V" simbólico da vitória que há-de vir



Uma cena escolar em Washington, destacando-se as meninas Maria Dubart, do México, Maria de los Angeles Fernandez, da República de Costa-Rica e Teresa Castro, da República do Salvador (fila do centro). As crianças das Repúblicas Latinas familiarizam-se com as suas colegas do norte

CIDADÃO SOLDADO DE 1942

PELA primeira vez, em tempo de paz, houve nos Estados Unidos, em 1940, a incorporação de soldados em seu exército, em virtude do sorteio militar obrigatório. Numa frígida manhã de fins de Novembro, cerca de 18.700 jovens apresentaram-se para serem incorporados, prestar o juramento à bandeira e seguir para seus destinos, nos diversos centros militares do país.

Na fisionomia desses rapazes, denotava-se um misto de surpresa e franca disposição para cumprir ordens recebidas. E à medida que chegavam a seus postos de concentração, alinhavam-se ao longo da plataforma da via-ferrea, em formação que traía a sua condição de bisonhos recrutas. Dali dirigiam-se para o quartelamento adrede preparado e constituído de modernos acampamentos de grandes dimensões. Eram, então, submetidos ao interrogatório indispensável, recebiam papeletas de identificação, fardamento — e injeções preventivas. Naquela primeira noite de soldados, preparavam-se para dormir em seus alojamentos improvisados, de verdadeira concentração militar de emergência, mas confortáveis; contudo, a noção de responsabilidade que começava a firmar-se em seus pensamentos, via-se perturbada por uma sensação inevitável de saudade daquilo que haviam deixado, para enfrentar as aventuras que a lei lhes impunha.

Dentro de 18 meses, esses recrutas que da vida de soldado tanto tinham que aprender, e que formavam um conjunto de elementos de todas as camadas sociais — ricos e pobres, procedentes de variada escala de profissões e atividades — viam crescer o número de incorporados nas mesmas condições, para o formidável efetivo de três milhões de soldados. Mas seria agora muito fácil distingui-los naqueles



Em trajos de trabalho — no exército: cidadãos dos Estados Unidos de 1942, fazendo a sua transição da vida civil para a militar

grupos que apenas um ano e meio antes entravam desajeitadamente em forma, atendendo às urgências do serviço militar, prontos para encetarem o mais complexo adestramento que a guerra moderna exige de um soldado.

Agora, as condições da preparação haviam feito deles verdadeiros espécimes de soldados, típicos da grande nação que enfrentava a guerra, sabendo de todas as suas modernas exigências. E o ano de 1942 encerrar-se-á marcando, para o seu exército, um efetivo aproximado de 4.500.000 homens.

Destes, milhares, já se encontram, perfeitamente instruídos e adestrados, assumindo seus postos nas frentes de batalha do mundo, desde as Ilhas Britânicas, na Europa, até as mais estratégicas regiões da África, da Ásia, América e Oceania, postos avançados da Liberdade, situados em todos os mares. Em menos de um ano, depois que o antigo re-

cruta marcou passo incerto em suas primeiras instruções de infantaria, nele não se reconhece mais o aspecto. Passou a ser mais homem, em peso e aparência. O regime de treinamento ao ar livre, colhendo todos os proveitos dos rigores do inverno, fizeram-no ganhar seis quilos, logo nas primeiras cinco semanas de incorporação. Fisicamente, é ele um modelo de masculinidade, robusto e ágil, firme e decidido.

Quando começou a sua vida militar, a sua resistência resentia-se da falta de coordenação de métodos para aproveitar-lhe o máximo de rendimento. Marchas forçadas, completamente equipadas, eram para ele um sacrifício; e quanto a manejar uma arma de guerra, faltava-lhe a mais ligeira noção do assunto.

Mas em três semanas de intenso exercício, depois das cinco semanas iniciais de familiarização com os rudimentos militares, o recruta revela-se um perfeito soldado. Considera-se agora melhor cidadão do que antes, mais preparado para o seu tempo, em que também se acentua a necessidade de lutar por uma causa, e compreendê-la como antes procuravam fazer seus antepassados. Ele sente-se preparado para bater-se pela sua própria sobrevivência.

Como soldado, orgulha-se do seu uniforme, interessa-se pelos detalhes de tudo que aprende, esforça-se por ser e parecer um verdadeiro profissional. Mesmo sem sentir, já fez ele a sua transição de simples paisano para soldado; não um autômato, cumprindo ordens, mas acima de tudo um patriota, conciente das ordens que recebe.

E cada dia, adquire mais conhecimento. Já agora, não se considera apenas um soldado, mas um especialista, na complexa modernização das tarefas militares. O senso de disciplina, de brio militar, de



Depois de um dia cheio de manobras, esta companhia regressa a quartéis. O campo aberto é o laboratório experimental em que se apura o seu valor na guerra

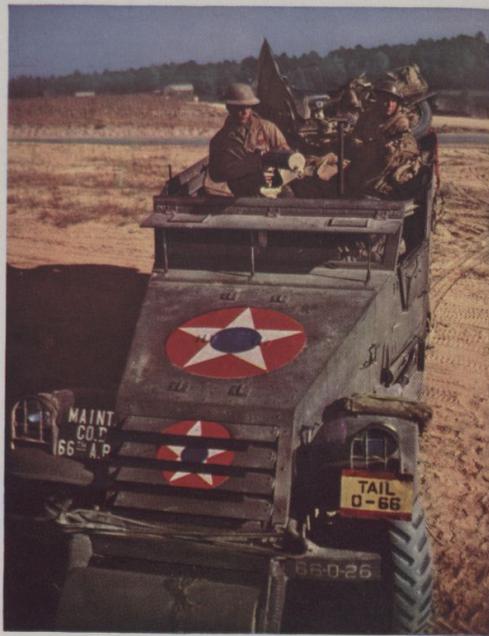


Os modernos canhões anti-aéreas de tiro-rápido exigem perfeita precisão de manejo. Sua guarnição, composta de artilheiros e auxiliares, exercita-se constantemente



Um jovem egresso da vida civil familiariza-se no manejo da baioneta, adestrando-se, como outros milhões, para o ataque e a defesa tanto no combate de conjunto como no combate isolado

Num exército moderno todos os soldados têm de ser especialistas. Na gravura abaixo vêem-se alguns, aprendendo a técnica de explodir uma carga de demolição



A mocidade do país ainda anda de automóvel, mas nestes não há a preocupação de escassez de gasolina nem tão pouco de pneumáticos

garbo individual, êle o cultiva espontaneamente agora, de par com tantas outras preocupações materiais que fazem da vida do soldado um exemplo de abnegação e um incentivo. Procura destacar-se na execução das ordens que recebe, nos ensinamentos que lhe dão; e adquire uma noção de ser sempre inexcedível na técnica de fazer tudo que diz respeito aos seus encargos, desde o simples dobrar do capote e armar a barraca.

Esse soldado preparado dentro dos rigores das necessidades modernas, teve para instruir-se os melhores técnicos e os melhores recursos. Em pouco tempo adquire a convicção dos seus conhecimentos e reconhece, levado pela sua própria capacidade, que dispõe do melhor equipamento que se pode proporcionar a um combatente. Observa a qualidade dos seus uniformes, verifica a razão de ser de tudo quanto nêles se contém, examina o seu armamento, admira-se da sua qualidade e eficiência. Reflete mais detalhadamente a respeito de tudo que o cerca, da significação do seu dever, e orgulha-se de haver nascido um cidadão em condições de poder compreender e satisfazer as exatas qualificações de tal soldado.



E' no transporte das malas que o Correio "V" prova a sua grande vantagem. Dois grandes sacos cheios transformam-se em três pequenos rolos de filme



Destinatários sorridentes recebem notícias de casa pelo novo sistema epistolar, simples e condensado, depois de fazer-se a ampliação de tôdas as cartas novamente em papel especial

CORREIO DA VITÓRIA

DE todos os pontos dos Estados Unidos, cartas do Correio "V", que pesam muito menos e são expedidas mais rapidamente que as cartas comuns, estão sendo dirigidas aos soldados norte-americanos estacionados em alguns pontos estratégicos fóra do território nacional dos Estados Unidos.

A carta, de tamanho natural, entra na máquina, para ser reproduzida imediatamente pela microfotografia



As cartas são escritas em papel de formato especial e que se encontra à disposição do público em todos os correios do país. O papel é uma combinação de papel de carta e envelope.

Em seguida, já em poder de soldados do Correio Militar, são enviadas para um laboratório fotográfico, contratado pelo exército e a armada. Cada carta é aí reduzida às dimensões de um quadrículo de filme de 16 mm. A máquina que tira essas microfotografias tem uma capacidade para 3.500 cartas por hora. O papel escrito entra por um lado e já o filme revelado sai por outro, contendo a miniatura epistolar, e cada rolo comporta um total equivalente a 1.500 cartas.

Desta maneira, por uma forma extraordinariamente condensada, seguem as cartas, com extrema redução de peso. Para cento e cinquenta mil cartas, por exemplo, que exigiriam, ordinariamente, 37 sacos postais, por este processo, é necessário apenas um saco de 20 quilos.

No local do destino, os filmes são reproduzidos numa ampliação de 10 x 14 cm., aproximadamente, em papel também de formato apropriado e que serve de papel e envelope. Por este sistema, não poderá haver extravio de correspondência, por isso que todo original é conservado até a sua entrega.



A moda antiga: folhas de papel em quantidade; atualmente: uma simples e leve película de celuloide

A MEDICINA NAS AMÉRICAS

INFENSO por natureza à vida livre e, por consequente, incapaz de compreender a liberdade do pensamento, o nazismo tudo tem feito contra respeitáveis e seculares instituições científicas do Velho Mundo, de fama universal. Para os déspotas, é crime investigar-se a lucidez da verdade, na conquista de conhecimentos capazes de alçar a espécie humana a melhores condições de vida.

Universidades, centros de pesquisas, clínicas e hospitais de metrópoles como Viena, Berlim, Paris, Varsóvia e Oslo, foram extintos. Não mais podem eles abrigar em seu seio o gênio realizador de espíritos livres e privilegiados.

A onda de barbarismo medievo que caracterizou o "renascimento" da chamada superioridade mental nazista, mesmo antes de romper a guerra, em 1939, já havia vitimado uma pléiade de cientistas famosos pela sua inestimável contribuição à cultura mundial. Alguns pereceram em campos de concentração; outros, mais afortunados, conseguiram escapar para terras do Novo Mundo, onde têm eles enriquecido os mananciais da cultura científica das nações americanas.

Prosegue, assim, a pesquisa científica de verdade, incessantemente, como um fator indispensável à vida das Américas, em evidente contraste com a ação dos dominadores do Eixo; estes têm feito da ciência e da cultura europeia simples escravas de suas ambições, em seus desígnios de produzir uma "raça superior" capaz de exterminar os demais povos da terra.

Os grandes mestres da ciência nas nações do novo continente, trabalhando numa atmosfera de completa liberdade, sabem que agora, mais do que nunca, lhes cabe um sagrado dever — o dever de manter ativa a chama da verdade, a-fim de poderem assumir a direção na tarefa de moldar uma vida melhor, do caos produzido pela guerra.

Foi, portanto, bastante expressiva a reunião de cerca de cinquenta sumidades médicas das outras repúblicas deste hemisfério, e que em Atlantic City, em Nova Jersey, constituíram uma das maiores assembleias de cientistas do Novo Mundo, por ocasião da nonagésima-terceira convenção anual da American Medical Association, realizada de 8 a 12 de Junho último. Verificou-se então que os laços que ligam as 21 repúblicas representadas na convenção, não se referem apenas ao aspecto político-econômico, porque a ciência e a cultura do nosso hemisfério passam a entrar em nova e promissora era de cooperação mútua. O bem estar-humano, não a destruição da humanidade, foi a nota predominante nos trabalhos.

Coube ao Dr. Alberto Hurtado, do Perú, eminente autoridade em fisiologia e patologia das grandes altitudes, proferir o discurso oficial de abertura da convenção. Dentre outros que se distinguiram na participação dos trabalhos da sessão inaugural,

destacam-se o Dr. Ignacio Chavez, proeminente cardiologista, do México, e Dr. Enrique Koppisch, de Porto Rico, autoridade em quistosomíase.

Foi igualmente de grande interesse a contribuição dos especialistas de clínica médica, durante as sessões devotadas ao assunto. O Dr. Francisco de P. Miranda, delegado mexicano, apresentou um trabalho sobre perturbações da insuficiência do ovário, e o Dr. Alejandro Lipschutz, do Chile, dissertou sobre fibroides experimentais e a ação antifibromatogênica dos hormones esteroides. Os êxitos dos sulfonamidos nos olhos, foi matéria de um trabalho apresentado pelo Dr. Moacyr E. Alvaro, professor de oftalmologia da Escola de Medicina de São Paulo, Brasil; e o Dr. R. David de Sanson, do Rio de Janeiro, contribuiu com um estudo sobre um caso acidental de abcesso cerebral.

Outros clínicos proeminentes que apresentaram importantes trabalhos às sessões de especialidades, foram os Drs. Ignacio Chavez e B. Sepulveda, do México; V. Pardo Castello, Raimundo de Castro e Francisco R. Tiant, de Cuba; Jorge Cavalier, da Colômbia; Alberto Hurtado, do Peru, e Olimpio da Fonseca, do Brasil.

As demais Repúblicas Americanas fizeram-se representar com grande brilhantismo na parte referente à coleção de mostruários científicos, os quais mereceram recomendação especial da comissão de prêmios da Association. Um mostruário de epidemiologia de febre dos trópicos, preparado pelos Drs. John C. Bugher e Manuel Roca-García da seção de estudos especiais do Departamento Nacional de Saúde Pública, de Bogotá, foi distinguido com o prêmio Medalha de Ouro, pela sua "excelente apresentação e correlação de fatos." Moléstias crônicas nas montanhas, foi outro trabalho, apresentado pelo

Dr. Carlos Monge e vários colegas, da Faculdade de Medicina e Instituto Nacional de Biologia Andina, do Perú, e que mereceu o certificado de mérito, juntamente com outros mostruários de investigações pessoais, todos bastante apreciados pela sua originalidade e magnífica apresentação.

O Bureau Sanitário Panamericano, de Washington, que tanto tem contribuído para ainda maior divulgação de trabalhos médicos no continente, destacou-se igualmente com excelente mostruário de interessante documentação atestando vários aspectos do trabalho de pioneiros da ciência médica nas nações do continente. Verifica-se, por exemplo, que Buenos Aires e Montevideo tiveram os primeiros institutos de bacteriologia nas Américas, e que Caracas foi o primeiro centro a estabelecer a cadeira de bacteriologia. O Brasil distingue-se por ter sido o primeiro país, neste hemisfério, a fundar, em 1900, o Instituto Nacional de Tuberculose, cabendo à Argentina, em 1923, a criação do primeiro Instituto Nacional de Pesquisas sobre o Câncer. O primeiro jornal a dedicar-se aos problemas da medicina tropical apareceu em Cuba, em 1900, fundado por Guiteras, sendo o segundo no mundo. Ao México coube a primazia da publicação de livros de matéria médica, em 1570. Nos demais países, existem atualmente mais de 900 jornais e publicações sobre medicina e saúde pública, abrangendo todos os campos de atividade.

A Academia de Medicina do Rio de Janeiro, fundada em 1829, é a mais antiga do Novo Mundo, e muitas instituições noutras nações americanas, que se especializam em câncer, lepra, toxicologia ofídica e de insetos, bacteriologia, entomologia, nutrição e medicina tropical, não encontram rivais no mundo.

Dentre outros delegados que apresentaram trabalhos à convenção, constavam os Drs. Guillermo A. Bosco, da Escola Médica da Universidade de Buenos Aires; Horacio Zalce, da Cidade do México; Alejandro Lipschutz, de Santiago; Gonzalo Esguerra-Gomez, da Clínica de Marly, de Bogotá; Monge, Chavez, Hurtado, Jimenez, Pons, Rotta, Encinas, Trelles, Hahn, Urteaga e Boisset, da Faculdade de Medicina e Instituto de Biologia Andina, de Lima; Carlos Chagas, do Rio de Janeiro; Vaccarella, Bence, Lanari, Labourt, Segura e Paso, da cadeira de Patologia e Clínica da Tuberculose, de Buenos Aires; Hugo J. D'Amato, do Departamento Nacional de Saúde Pública da Argentina; Nicandro Chavez, da Universidade Nacional de Medicina, do México; J. Mendenez Feros, da Universidade de Havana, Cuba, e P. L. Farinas, Hospital Universitário de Havana.

Os ideais americanos não poderiam encontrar mais valioso elemento para a sua realização, do que as diretrizes assentadas por esses homens de ciência, todos produtos de um ambiente liberto de preconceitos incompatíveis com o progresso científico.



Doutor Alejandro Lipschutz, de Santiago, Chile



Doutor Ignacio Chavez, da delegação mexicana



Doutor Raimundo de Castro, da Habana, Cuba



Doutor Luthero Vargas, delegado brasileiro



Doutor Moacyr E. Alvaro, da delegação brasileira



Doutor Enrique Koppisch, delegado Porto-Riquenho



O Dr. A. Hurtado, de Lima, Perú, que apresentou vários estudos valiosíssimos sobre alguns dos fenômenos fisiológicos, patológicos anatômicos e psicológicos peculiares à vida nas regiões situadas a grandes altitudes sobre o nível do mar



Os Drs. Manuel Roca-García (primeiro à esquerda), Jorge Cavalier e Bernardo Samper, de Bogotá, Colômbia, que apresentaram ao Congresso o interessante mostruário e ilustrações constantes da gravura, sobre a epidemiologia da febre amarela



Grupo dos delegados das Repúblicas Americanas, que compareceram ao Congresso da Associação Médica Americana, realizado de 8 a 12 de Junho. Sentados, à frente, da esquerda para a direita: Dr. F. Scannone, da Venezuela; Dr. C. Rodriguez, de Cuba, e Dr. J. E. Paullin, presidente eleito da A.M.A. Segunda fila, sentados ao centro, da esquerda para a direita: Dr. H. S. Cumming, diretor do Bureau Sanitário Panamericano; Sra. Rankin, Dr. F. W. Rankin, presidente da A.M.A.; Dr. O. West, secretário da A.M.A. e diretor da revista da Associação, e Dr. M. Fishbein, redator da revista. Terceira fila, sentados, da esquerda para a direita: Sra. Lipschutz, do Chile, Dra. E. Roy, de Cuba, Dra. S. Franco, do Brasil, Dra. C. Rodriguez, de Cuba; Dr. A. Lipschutz, do Chile; Dr. V. Escardó e senhora, do Uruguai; Dr. L. Vargas, do Brasil; Dr. Salcedo e Dr. A. Hurtado, do Perú; Dr. J. Peroes; Dr. V. S. Toyos, e Dr. D. V. Gonzalez, do Paraguai.

De pé, quarta fila, da esquerda para a direita: Dr. R. de Castro e senhora, de Cuba; Srta. Cavalier, e Dr. J. Cavalier, da Colômbia; Srta. Lespinasse, dos Estados Unidos; Dr. B. Sepúlveda, Dr. G. Guzman, Dr. A. Gonzalez, Dr. G. Gil e Dr. I. Chavez, do México, Dr. J. B. Gomez, da Argentina; Dr. Scannone e Dr. A. Erminy, da Venezuela, Dr. A. L. Machado, do Brasil, Dr. E. Koppisch, Dr. Cagigas e Dr. R. Martinez, de Porto Rico. De pé, ao fundo, da esquerda para a direita: Dr. R. Fernandez, Dr. A. L. Consado e Srta. Antunes, do Brasil; Dr. C. M. Quinteros, da Argentina, Dr. J. J. Dornelles, do Brasil, Dr. Zalce, do México; Dr. Van Domselaer e Dr. Baron, da Argentina, Dr. Cervantes, dos Estados Unidos; Dr. Saravia, da Argentina, Dr. R. Goyanna, do Brasil, Dr. Raul Recayaga, da Argentina; Dr. M. Moreira, do Chile, Dr. M. Roca Garcia e Dra. Elena Conchas (Colômbia), Dr. Chavarria (Costa Rica) e Dr. I. Hurtado (Colômbia)



Delegados à Junta de Defesa Interamericana, em visita a um aeródromo, onde têm ocasião de verificar o extraordinário desenvolvimento do poder aéreo americano

DEFESA INTERAMERICANA

A JUNTA de Defesa Interamericana é um grupo de técnicos especialistas, oficiais do exército e da armada, que se encontram em constante trabalho, procurando os meios de reforçar a defesa do continente.

Composta de delegados de cada uma das nações americanas, a Junta é um produto da última Conferência dos Chanceleres do Rio de Janeiro, a qual recomendou a "imediate reunião em Washington, de uma comissão composta de oficiais especialistas do exército e da armada, indicados por seus respectivos governos, para estudar e recomendar aos mesmos as medidas necessárias à defesa do continente."

Com sede em Washington, permanentemente, a Junta teve a sua sessão inaugural em 30 de Março último. Desde então seus membros têm estado em constante atividade.

Os membros da Junta mantêm íntima familiaridade com os desenvolvimentos militares nos Estados Unidos, através de constantes visitas às indústrias de guerra e estabelecimentos do exército e da marinha. Nessas visitas, informam-se eles de todo o constante progresso que se vá notando nos setores de preparação militar.

Em recente visita, tiveram ocasião de observar o aproveitamento que aos seus alunos está proporcionando o Centro de Treinamento Naval de Pensacola, na Florida, e o Centro de Treinamento do Exército, em Fort Benning, em Geórgia.

Os oficiais de todos os países americanos assistiram, em Pensacola, às manobras de uma vasta armada aérea, composta de 254 aviões de todos os tipos. Foi uma impressionante demonstração do poder aéreo norte-americano, que se desenvolve atualmente em proporções gigantescas.

Em Fort Benning, houve especial interesse na observação de evoluções feitas por tropas paraquedistas, já organizadas em vários batalhões. Viram também o progresso que se está verificando em matéria de tanques, munidos agora das armas mais modernas, possantes e eficientes. Assistiram a manobras de corpos de infantaria em ação conjunta com outras armas, e puderam experimentar pessoalmente o manejo de várias peças de artilharia, assim como verificaram a precisão técnica dos tanques e de outros veículos motorizados.



O major Herman Barón, da República do Salvador, em visita de inspeção a um dos arsenais de marinha norte-americanos, experimenta o timão de um dos navios



Os coroneis Roche B. Laroche, do Haiti (a esquerda), Jorge Sarmiento, do Perú, e Felix Castellanos, da Guatemala, inspecionam o mais moderno tipo de bombardeiro, numa das fábricas de aviões dos Estados Unidos



Oficiais delegados à Junta de Defesa Interamericana: da esquerda para a direita, coroneis Juan Jones-Parra, da Venezuela, Cristobal Guzmán Cárdenas, do México, Winant Johnston, dos Estados Unidos e Stenio Lima, do Brasil, todos prestando relevantes serviços nos planos de defesa do continente, elaborados pelas nações da América



O Coronel Ernesto Buenaventura, do exército Colombiano, especialista em metralhadoras, maneja um dos últimos tipos dessas armas ora sendo usadas na luta



Experimentando uma moderna metralhadora de 7,5 mm. de calibre, o tenente-coronel Juan Rovira, do Paraguái, distingue-se em varios tiros certos



O tenente-coronel Felipe Munilla (de Cuba), experimenta o armamento dos novos carros de assalto que a industria de automóveis está agora produzindo



O coronel Armando de Souza e Mello Aragboia, delegado aeronáutico do Brasil, experimentando uma submetralhadora do moderno tipo usado pelas forças de terra



O general de brigada Amaro Soares Bittencourt, delegado a Junta de Defesa Interamericana, é ajudado a saltar de um tanque, pelo major-general norte-americano Willis D. Crittenger, após uma experiência. O general Crittenger é o comandante de uma das divisões blindadas atualmente em constantes manobras com os tanques mais modernos

Em Fort Benning, no Estado de Georgia, diversos oficiais do exército das nações americanas observam o imponente desfile de tanques e unidades motorizadas por ocasião de importantes manobras das forças blindadas



O general Amaro Bittencourt (à esquerda) observa a ação de tanques em combate simulado, juntamente com o coronel Antonio Parodi (à esquerda), da Argentina, e comandante Julio C. Poussin, delegado naval da República da Uruguai



Os aviões-torpedeiros são ferríveis. Não há navio de guerra — nem mesmo o mais reforçado coraçado capaz de suportar o ataque desses aviões

AVIÕES TORPEDEIROS

A ARMA aérea que contribuiu enormemente para a formidável derrota das forças aéreas e navais do Japão, nas batalhas de Midway e do Mar de Coral e ultimamente nas ilhas Aleútiás, foi o avião torpedeiro, tanto do exército como da marinha dos Estados Unidos.

Foi, de fato, considerável o número de vasos de guerra, transportes e porta-aviões irremediavelmente perdidos em consequência dos torpedos de uma tonelada, lançados por esses aviões, com bases terrestres e flutuantes.

O avião torpedeiro, que era antes uma especialidade naval, é agora uma das armas mais devastadoras usadas pelas forças aéreas norte-americanas, do exército e da marinha.

O aparelho Grumman TBF-1, de base flutuante, é um dos melhores aviões torpedeiros navais. Desenhado há três anos, e com sua produção iniciada logo após o ataque a Pearl Harbor, e por isso denominado o "Avenger", esse possante monoplane tem um raio de ação de mais de 2.000 quilômetros, pode atingir a quase 10.000 metros de altitude, e dispõe duma velocidade superior a 400 quilômetros horários; e a perfeição do seu armamento e da sua manobrabilidade o coloca próximo da classe dos aviões de combate.

A aviação do exército adaptou o Martin B-26, bombardeiro-médio, para carregar torpedos. É capaz de fazer mais de 500 quilômetros horários e necessita de reduzida tripulação, de cinco homens apenas. É um aparelho bimotor, todo metálico e atinge o máximo de sua velocidade com plena carga, sendo assim o famoso Martin B-26 o torpedeiro aéreo mais veloz do mundo inteiro.

Nas forças aéreas norte-americanas, todos os seus aviões podem ser usados como bombardeiros ou como torpedeiros, propriamente. Assim, esses aparelhos, geralmente denominados torpedo-bombardeiros, carregam um torpedo de tonelada ou o peso equivalente em bombas.

Esses aviões largam a sua carga de explosivos quando se aproximam do objetivo a baixa altitude, e más condições de tempo, como chuva e névoa, nuvens baixas ou pouca visibilidade, ao amanhecer ou ao crepúsculo, são-lhe verdadeiramente favoráveis. Esquadrilhas de torpedeiros velozes assim, podem investir contra navios inimigos e realizar o ataque muito antes de poderem sofrer qualquer efeito das armas anti-aéreas do adversário. Além disso, com o recurso da sua própria cortina de fumo e o concurso de aviões de combate, tornam-se capazes de se aproximar convenientemente do alcance efetivo de tiro. Todos os aviões torpedeiros são equipados com aparelhos de rádio, emissor e receptor, para facilitar-lhes rápida comunicação com suas bases, recebendo, mesmo em voo, novas ordens, antes ou depois do ataque.

Heróis de Midway



O soldado A. Zoretsky—"Foi a melhor festa de aniversário que já tive! Passei o meu vigésimo aniversário no ar, no raide de Midway, e nossa esquadrilha afundou pelo menos dois transportes e um cruzador pesado da frota japonesa que tivemos de atacar."



O tenente James Muri e o capitão J. F. Collins—"Atravessamos mais de três quilômetros de vivo fogo anti-aéreo e 50 aviões japoneses de combate, antes de alcançarmos os porta-aviões. Fizemos o ataque a uns 60 metros de altitude e acertamos num dos navios

Atacado várias vezes por torpedos aéreos, este porta-aviões nipônico arde furiosamente. Foi ao fundo pouco depois de haver sido fotografado



O tenente George H. Gay—"Lancei um torpedo e acertei num porta-aviões japonês, antes de ser abatido o meu aparelho. Gay (à direita) vê-se aqui com o almirante C. W. Nimitz, que foi visitá-lo no hospital, em Honolulu



Os tenentes John Whidden e Charles Crowell—"A-pesar-de havermos perdido uma asa, devido ao fogo das metralhadoras, atacamos resolutamente. Abatemos dois aviões, acertamos num destroyer e bombardeamos um outro





Aspecto da antiga vila de Lidice, na Tchecoslováquia, antes de a haverem arrazado os régulos da Gestapo, para vingar a morte de Heinrich Heydrich, o carrasco, nazista, que dirigia o reino de terror no país. Todos os homens da vila foram fuzilados, as mulheres postas em campos de concentração e as crianças internadas em "escolas apropriadas", segundo a concepção Nazista. O fato causou indignação em todo o mundo civilizado



Lidice vive novamente—no Estado de Illinois, onde um conjunto de casas populares recentemente mandado construir pelo governo federal norte-americano, e habitada por cidadãos de origem tchecoslovena, recebeu o nome da sacrificada vila da Boêmia. Em cima: Vista das ruas da vila, repletas por ocasião da cerimônia



O **abade** Procopius Neuzi celebra, em comemoração ao acontecimento, uma missa campal na nova vila de Lidice. A igreja local ainda se encontra em construção, assim como outros edifícios, inclusive a biblioteca

LIDICE SOBREVIVE

LIDICE — expressão do espírito do povo tcheco e da sua determinação de preferir a morte à submissão ao jugo da tirania nazista, acaba de erguer-se simbolicamente ao sul de Chicago, em Illinois, onde o governo dos Estados Unidos havia ordenado a construção de 100 casas populares.

Em 27 de Maio, Reinhard Heydrich, um dos chefes e carrasco da Gestapo, foi assassinado em Praga, vítima do próprio reino de terror que ele estabelecera nos países ocupados pelo nazismo na Europa. A vingança alemã foi pronta, drástica e bárbara.

Os alemães anunciaram, com fria brutalidade, que a vila de Lidice havia sido varrida da superfície da terra — com o massacre de todos os seus 200 homens e cerca de 56 mulheres; tendo o restante das mulheres e as crianças sido arrastadas em lágrimas e desespero para os campos de concentração nazistas dos mortos-vivos.

Lidice, em Illinois, recebeu esse nome porque é habitada por cidadãos americanos de origem ou naturais da Tchecoslováquia, e que consideram a liberdade um dom precioso, digno de todos os sacrifícios. Denominada anteriormente Stern Park Gardens e construída pelo governo federal, como um dos projetos de habitações baratas, destinadas a essas famílias tchecas, a moderna Lidice tem aproximadamente o mesmo número de casas que a agora arrazada vila bohêmia.

Em significativa cerimônia realizada no domingo, 12 de Julho, foi dado o nome à localidade de Illinois. O Presidente Roosevelt, interpretando os sentimentos de seus concidadãos, assim se manifestou em mensagem dirigida ao povo da nova Lidice:

"A 10 de Junho, o governo nazista anunciou o assassinio de uma palavra — Lidice. Essa pequena vila na Tchecoslováquia não somente foi arrazada, como também foram massacrados os seus homens. Suas mulheres e crianças foram dispersadas, presas e mortas.

O nome de Lidice teria de ser apagado do tempo, eliminado da história e esquecido para sempre.

Na grande vila de Lades e do Mississippi, o nome e a vila de Lidice tornam-se agora, para nós, uma prova de que a força nazista não conseguiu destruir o amor da liberdade nem a coragem para conservá-la".

As fotografias para este número foram cedidas pelas:

- | | |
|---|--|
| 1—CAPAS: Philadelphia Inquirer, Harris & Ewing, U. S. Signal Corps, Rudy Arnold | 23—Acme (3), British Combine |
| 2—Press Assn. | 24—Acme, PM |
| 3—Press Assn. | 25—Paul Parker, N. Y. Daily News |
| 4—Lockheed Aircraft Corp. | 26—Escritório de Expansão Comercial do Brasil em Nova York (Seidman), Harris & Ewing |
| 5—Rudy Arnold, Acme | 27—Acme, Harris & Ewing |
| 6—International, Sovfoto | 28—U. S. Army Signal Corps, Keystone |
| 8—International, Movie-tone News, European | 30—Staff, Groenhoff (Collier's), Philadelphia Inquirer |
| 9—Monahan (Collier's) | 31—Harris & Ewing, Acme (2), Harris & Ewing |
| 10—Official U. S. Navy | 32, 33—Fred Hess & Son (exceto a do centro à direita) |
| 11—Rudy Arnold | 34—Press Assn. |
| 12—Philadelphia Inquirer | 35—Inter-American Defense Board |
| 14—Press Assn. | 36, 37—Inter-American Defense Board (exceto a de baixo à esquerda), Press Assn. |
| 15—Rudy Arnold, PM (2) | 38—Press Assn. |
| 16, 17—Official U. S. Coast Guard | 39—International, Press Assn., International (2), Official U. S. Navy |
| 18—Acme, Julien Bryan | 40—Press Assn., Acme (2) |
| 19—Sawders de Cushing, Federación Nacional de Cafeteros de Colombia, Escritório de Informação de Colombia | |
| 20—Dr. O. Moll Gonzalez from Pan American Air Ways, Galloway | |
| 21—Sanchez, Severin de Three Lions, Galloway | |
| 22—Columbia Broadcasting System, Acme | |

